



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MESTRADO PROFISSIONAL EM
ENSINO DE HISTÓRIA- PROFHISTÓRIA**

RAFAEL PRINTES ALBARELLI DE CASTRO

**O USO DA PINTURA RUPESTRE DA REGIÃO AMAZÔNICA COMO FONTE
HISTÓRICA:
UMA POSSIBILIDADE NA DISCIPLINA HISTÓRIA NO SEXTO ANO.**

**ANANINDEUA-PA
2019**

RAFAEL PRINTES ALBARELLI DE CASTRO

**O USO DA PINTURA RUPESTRE DA REGIÃO AMAZÔNICA COMO FONTE
HISTÓRICA:
UMA POSSIBILIDADE NA DISCIPLINA HISTÓRIA NO SEXTO ANO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Ensino da História- PROFHISTORIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos.

**ANANINDEUA-PA
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

C355u Castro, Rafael Printes Albarelli de
O uso da pintura rupestre da região amazônica como
fonte histórica: : Uma possibilidade na disciplina história no
sexto ano / Rafael Printes Albarelli de Castro. — 2019.
119 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro
Bastos

Dissertação (Mestrado) - Mestrado Profissional em Ensino
de História, Campus Universitário de Ananindeua,
Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2019.

1. História. 2. Ensino de história. 3. Profhístória. I.
Título.

CDD 372.1100981

RAFAEL PRINTES ALBARELLI DE CASTRO

O USO DA PINTURA RUPESTRE DA REGIÃO AMAZÔNICA COMO FONTE HISTÓRICA: UMA POSSIBILIDADE NA DISCIPLINA HISTÓRIA NO SEXTO ANO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Ensino da História- PROFHISTORIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em História. Orientador: Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos.
(Orientador e Presidente da Banca)

Prof. Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva (membro externo)

Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle (membro interno – PROFHISTÓRIA-UFPA)

Prof. Dr^a. Sidiana da Consolação Ferreira de Macedo (membro-interno – PROFHISTÓRIA-UFPA)

Ao maior amor da minha vida, Rafaela Gurjão Albarelli de Castro.

AGRADECIMENTOS

Não tenho dúvidas de que a produção desta dissertação se configura como o maior desafio que enfrentei, até aqui, em minha vida profissional. Muitas foram as alegrias, as angústias, as experiências e as lágrimas. Momentos em que pensei em parar, pois não imaginava que iria dar conta de conciliar o mestrado com os afazeres das escolas. Me vi impossibilitado de dar entrada na licença por conta da drástica redução salarial, um dos vários fatores que evidenciam a desvalorização de nossa profissão. Foi árduo, difícil e estressante. Contudo consegui chegar no final.

Consegui! Não! Conseguimos! Coloco a palavra conseguimos, pois jamais teria chegado neste ponto de minha vida acadêmica sem a ajuda, a dedicação, o carinho e o amor que me foi dado. Isso tudo veio de muitas pessoas. Me dedico, neste momento, a oferecer meus mais sinceros agradecimentos a cada um de vocês. Mesmo sabendo que alguns não vão ter a oportunidade de ler essa dissertação.

Primeiramente agradeço a Deus, mesmo não sendo uma pessoa religiosa, por ter me dado a força necessária nos momentos em que me via na frente do computador, dos livros, das anotações em folhas soltas, em plena madrugada. Era eu e Ele naquele momento em que sentia o calor no coração de que ainda tinha forças para seguir adiante.

Agradeço imensamente a minha mãe, Adria Maria Guimarães Printes, por ter me ensinado desde cedo o valor de se investir nos estudos e por todo o amor e paciência que sempre dedicou a mim. Muito obrigado ao meu pai, Paulo Sérgio da Paixão Albarelli de Castro, por ter me demonstrado o quanto é importante olhar sempre para as coisas positivas que a vida pode nos oferecer. Sem a união de vocês dois, nada disso seria possível.

Muito obrigado a minha esposa, Larissa Sueli Gurjão Lobato Albarelli de Castro, por ter tido toda a paciência e compreensão nos momentos mais difíceis, por ter colocado a mão no meu ombro quando me sentia incapaz, quando chorei na frente dos textos, pois as vezes tinha grande dificuldade de compreendê-los. Sempre me afirmando que eu iria conseguir.

Nenhuma palavra que eu escolha será capaz de traduzir o quanto agradeço a minha “Piteco”, minha filha, o grande amor da minha vida, Rafaela Gurjão Albarelli de Castro, que sempre me transmitiu com seu olhar todo o amor que um pai pode querer nessa vida. És a minha maior força e sempre serás a minha maior conquista.

Reservo esse parágrafo para aquele que sempre foi o meu grande exemplo de vida acadêmica, meu irmão, Luiz Paulo Printes Albarelli de Castro. Muito obrigado por sempre me encher de alegria por ser a pessoa que és. Meu amigo serás por todo o sempre.

Obrigado minha eterna vovó, Maria José Guimarães Printes, por todo o amor que me destes enquanto pude estar com a senhora, sempre serás parte do que eu levo em vida. Obrigado a minha “Fofa”, Maurelina Guimarães Printes, tia dedicada que sempre ter me orientado no caminho reto. Sempre me amou do jeito que eu sou e que as vezes até esquece que sou uma pessoa que tem defeitos.

Meu eterno professor de História do Ensino Médio, Sérgio Costa, que se configura como o grande responsável por ter escolhido ser um historiador. Quero destacar a importância dos meus eternos amigos da graduação: Alexandre Amaral, Daryen Melo, Marcus Reis, Waldomiro Neto, Silvana Pinheiro e Márcio Pinheiro. Essa conquista também é de vocês.

Agradeço aos momentos marcantes vividos com meus colegas da turma de 2016 do PROFHISTÓRIA: Neilton, William, Tomé, Rodrigo, Lourdes, Rafael Elias, Raquel, Antônia, Nazarena, Plínio, Luiz, Neles, Carlos, Hélison, Otto. O ensino de história me deu de presente verdadeiros irmãos que levarei para a vida toda: Bruno Amorim, que sempre me dava forças para que conseguíssemos vencer essa empreitada, Ernesto Padovani, que nos momentos mais difíceis se mostrou um grande porto seguro por sua intelectualidade, humildade e humanidade, Daniel Tavares, por toda a paciência em escutar e ler muitas das angústias que me deixaram apreensivos na execução desse trabalho, por sua sincera preocupação e pelo eterno esmero em cuidar de nossa amizade, e Edgar Cabral, que em muitas oportunidades me incentivou até mesmo nas madrugadas com palavras de muita força e perseverança.

Muito obrigado aos profissionais da Escola Waldemar Ribeiro que sempre deram importância e apoio para o desenvolvimento desta pesquisa. Sempre

encontrei apoio na maioria dos que ali estão no desafio diário que é desempenhar qualquer que seja a função na área da educação em nosso país.

Quero reservar esse momento para agradecer ao meu orientador Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos. Uma pessoa que se mostrou interessada no desenrolar desta pesquisa desde seus primeiros momentos. Obrigado do fundo do meu coração por toda a sua competência e compreensão, mesmo nos momentos em que a saída mais fácil seria desistir. Obrigado por ser um historiador da mais alta qualidade sem que para isso esquecesse que deste lado estava um professor da rede pública que tinha que se dividir entre aulas, textos e família. Te agradeço por sempre levar junto para às orientações o doutor e o humano.

Agradeço aos monitores que me apoiaram nessa empreitada: Bruno Cordeiro e Evelyn Peniche. Obrigado por se disporem a estar na escola mesmo fora do horário das suas respectivas monitorias para ajudar na execução desta dissertação.

Muito obrigado meu amigo Carlos Alexandre Sequeira, um grande irmão que a história me deu. Valeu “amigão” por todas as vezes, durante os dois anos em que estive envolvido com o mestrado, que você se propôs a ir na escola me auxiliar, mesmo que esse fosse seu momento de folga. Sempre incentivando e sempre com um sorriso recheado da mais alta sinceridade.

Não poderia deixar de agradecer aos cento e dezessete estudantes das turmas de sexto ano, da EEEF Professor Waldemar de Freitas Ribeiro, que participaram da execução desta pesquisa, sem que para isso fosse necessária a promessa de bonificações através de pontos nas avaliações. Sem vocês esta pesquisa não teria razão de existir. Muito obrigado por terem me proporcionado esta experiência.

CASTRO, Rafael Printes Albarelli. **O uso da pintura rupestre da região amazônica como fonte histórica: uma possibilidade na disciplina história no sexto ano.** Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino da História)- Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Ensino da História, Universidade Federal do Pará, Ananindeua-Pa, 2019.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo apresentar a experiência vivenciada na Escola Estadual de Ensino Fundamental “Professor Waldemar de Freitas Ribeiro”, no município de Belém, capital do estado do Pará, de como se trabalhar com uma fonte histórica, que na maioria das vezes, seja nos manuais didáticos ou fora deles, os historiadores deixam muito à margem: a pintura rupestre, em especial as da região amazônica. A pesquisa envolveu a única turma da manhã e as três turmas da tarde de sexto ano do ensino fundamental. Para que fossem alcançadas melhores análises e resultados com o uso das pinturas rupestres, buscou-se uma forte aproximação com a Arqueologia. Para que fosse detectado o entendimento dos estudantes no que tange à pintura rupestre, foi aplicado um questionário composto de quatro perguntas (antes e depois da aplicação da oficina de produção de pinturas rupestres). A execução de uma oficina de produção de pinturas rupestres se apresentou como um dos pontos altos desta pesquisa. Esta estratégia de utilização da pintura rupestre visa colaborar para que os estudantes passem a lançar um outro olhar sobre a “Pré-História”, sobre os seres humanos que viveram nesse período, e também à chamada pintura rupestre (sendo muito mais caracterizada como uma fonte histórica).

Palavras-Chaves: Ensino de história, arqueologia, pintura rupestre.

ABSTRACT

This research had as objective to present the experience lived in the State School of Elementary Education "Professor Waldemar de Freitas Ribeiro", in the municipality of Belém, capital of the state of Pará, of how to work with a historical source, which in most cases is in the didactic manuals or outside them, the historians leave much to the margin: the rock painting, especially those of the Amazon region. The survey involved the single morning class and the three afternoon classes of the sixth year of elementary school. In order to achieve better analyzes and results with the use of rock paintings, a strong approach was sought with Archeology. In order to detect students' understanding of rock painting, a questionnaire was applied consisting of four questions (before and after the application of the rock paintings production workshop). The execution of a rock paintings production workshop was presented as one of the highlights of this research. This strategy of using rock painting aims to help students to take another look at "Prehistory", about human beings who lived in this period, and also the so-called rupestrian painting (being much more characterized as a historical source).

Keywords: Teaching of history, archeology, rock painting.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1. Localização da EEEF “Professor Waldemar de Freitas Ribeiro” 15
- Figura 2. Frente da Escola Estadual de Ensino Fundamental “Professor Waldemar de Freitas Ribeiro” 15
- Figura 3. Imagens das capas dos livros que foram destinados à escolha dos professores. Todas foram retiradas do PNLD 2017. 24
- Figura 4. Imagens das páginas 40 e 41. 28
- Figura 5. Livro de Patrícia Braick - Pag. 47, 69, 70 e 77 49
- Figura 6. Planejamento do quinto ano para a disciplina História, do ano de 2017, da Escola Estadual de Ensino Fundamental “Professor Waldemar Ribeiro”. 57
- Figura 7. Pequenos Exploradores. 59
- Figura 8. Tipologia das consciências históricas em Rüsen. 61
- Figura 9. Pinturas rupestres de Monte Alegre - Pará. 63
- Figura 10. Aplicação do primeiro questionário (07/05/2018). 67
- Figura 11. Oficina de produção de pintura rupestre (10/09/2018). 67
- Figura 12. Aplicação do segundo questionário (17/12/2018). 68
- Figura 13. Aplicação do primeiro questionário (07/05/2018). 71
- Figura 14. Oficina de produção de pintura rupestre (10/09/2018). 71
- Figura 15. Aplicação do segundo questionário (17/12/2018). 72
- Figura 16. Aplicação do primeiro questionário (07/05/2018). 75
- Figura 17. Oficina de produção de pintura rupestre (10/09/2018). 76
- Figura 18. Aplicação do segundo questionário (17/12/2018). 76
- Figura 19. Aplicação do primeiro questionário (07/05/2018). 79
- Figura 20. Oficina de produção de pintura rupestre (10/09/2018). 79
- Figura 21. Aplicação do segundo questionário (17/12/2018). 80
- Figura 22. Oficina de produção de pintura rupestre. 89

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1. Estudantes matriculados nos sextos anos de 2018. 16
- Tabela 2. Obras inclusas no PNLD 2016 (Programa nacional do Livro Didático).
23
- Tabela 3. Número de estudantes que participaram da aplicação do
questionário. 64
- Tabela 4. Respostas da turma F6M901. 68
- Tabela 5. Respostas da turma F6T901. 72
- Tabela 6. Respostas da turma F6T902. 77
- Tabela 7. Respostas da turma F6T903. 80

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| CAPÍTULO 1 – A POSSÍVEL E NECESSÁRIA APROXIMAÇÃO ENTRE A ARQUEOLOGIA E A HISTÓRIA | 21 |
| 1.1 – O PROCESSO DE ESCOLHA E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MANUAL DIDÁTICO DE HISTÓRIA. | 21 |
| 2 – AS FONTES HISTÓRICAS, A ARQUEOLOGIA E O ENSINO DE HISTÓRIA. | 29 |
| 2.1 – A ARQUEOLOGIA: SUA CONSTRUÇÃO COMO CIÊNCIA. | 35 |
| 2.2 – OS CAMINHOS DA ARQUEOLOGIA NO BRASIL | 38 |
| 2.3 – O LUGAR DAS PINTURAS RUPESTRES NOS ESTUDOS EM ARQUEOLOGIA. | 44 |
| 2.4 – A ARQUEOLOGIA E A PINTURA RUPESTRE NA AMAZÔNIA | 50 |
| CAPÍTULO 2 – O lugar da pintura rupestre e do período pré-histórico na forma de pensar dos estudantes do sexto ano do ensino fundamental. | 54 |
| 2.1 – E como foi o quinto ano? | 54 |
| 2.2 – Em busca de uma mudança da consciência histórica | 59 |
| 2.3 – A aplicação dos questionários | 63 |
| 2.4 – A oficina de produção de pinturas rupestres. | 85 |
| CONCLUSÃO | 91 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 94 |
| ANEXOS | 96 |

INTRODUÇÃO

Um dos pontos que acabam por colaborar para que os estudantes tenham uma visão distanciada da disciplina história, como algo que não se faz presente no seu dia a dia, é justamente o fato de existir pouca intimidade com as mais variadas formas pela qual a fonte histórica pode se apresentar. Quando se procedeu à experiência com o ensino fundamental (no caso da Escola Estadual de ensino Fundamental “Professor Waldemar de Freitas Ribeiro”), conseguimos perceber a intensa dificuldade que os estudantes têm em compreender como fonte histórica algo que vai além do “papel velho”, como em muitas vezes eles classificam a fonte histórica quando questionados nas aulas iniciais sobre o estudo de história. Apresentar essa variedade para os estudantes do ensino fundamental, tomando como ponto referencial a pintura rupestre, foi o norteador da pesquisa aqui desenvolvida. Vale ressaltar que fora escolhida a pintura rupestre da região amazônica (especificamente as da região de Monte Alegre, no Pará), como forma de também promover um contato com um tipo de fonte histórica que pouco explorada em sala de aula e praticamente inexistente nos manuais didáticos de maior circulação.

Para que haja um melhor proveito da chama da pintura rupestre, este estudo procura estabelecer laços com a Arqueologia, uma vez que esta área do conhecimento tem se mostrado muito mais sensível para questões que envolvem não apenas a pintura rupestre, mas também o próprio período caracterizado classicamente como “Pré-história”. Inclusive com a proposta de mostrar um histórico do desenvolvimento da mesma como ciência para facilitar a aproximação desta área das ciências humanas. Os estudantes que participaram desta pesquisa compreendem a “Pré-história” como um momento da existência humana de “pouco desenvolvimento”. Com essa observação, identifiquei que seria de suma importância, para que se possa promover um melhor entendimento deste período da existência humana, o trato mais específico com uma fonte histórica que se relaciona, de forma intensa, com o período chamado de “pré-histórico”.

Este estudo se desenvolveu (entre os meses de maio e dezembro, no decorrer do ano letivo de 2018) na Escola Estadual de Ensino Médio e

Fundamental Professor Waldemar de Freitas Ribeiro, estabelecimento de ensino em que estou lotado com a carga horária de vinte e sete horas semanais, na ocasião sendo o único professor de história lotado nesta unidade de ensino. Contamos com quatro turmas de sexto ano do ensino fundamental de nove anos, com a seguinte distribuição: uma turma de sexto ano no turno da manhã (com aulas somente as segundas-feiras) e três turmas no turno da tarde (todas as aulas também eram na segunda-feira).

Inaugurada no dia 15 de março de 1981, sua denominação presta homenagem ao professor e médico paraense Waldemar de Freitas Ribeiro (nascido em setembro de 1898). Através de decreto governamental (1159/80 de 21/11/1980), o Colégio “Dom Romualdo de Seixas” pertencente à Sociedade de Expansão Cultural, situado na rua Dom Romualdo de Seixas (número 598), no município de Belém (capital do Pará), foi declarado de utilidade pública para fins de desapropriação e considerado de alto alcance social das atividades da Secretaria de Estado de Educação e Cultura, tendo sido adquirido pelo Governo do Estado do Pará em 2 de dezembro de 1980, através de escritura pública lavrada no cartório Diniz. O referido colégio, após o ato de aquisição e legalização do imóvel pelo Governo do Estado, passou pelo processo de recuperação e adaptação de acordo com as normas estabelecidas pela Secretaria Estadual de Educação, através de seu órgão especializado de engenharia, tendo recebido a denominação de Escola Estadual de 1º Grau “Prof. Waldemar de Freitas Ribeiro.”¹

¹ Estas informações se encontram no Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Professor Waldemar de Freitas Ribeiro.



Figura 1. Localização da EEEF “Professor Waldemar de Freitas Ribeiro”²



Figura 2. Frente da Escola Estadual de Ensino Fundamental “Professor Waldemar de Freitas Ribeiro”³

² Disponível em

<https://www.google.com.br/maps/place/Escola+de+Ensino+Fundamental+Professor+Waldemar+Ribeiro/@-1.4390264,48.4898707,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x92a48ea51da33933:0x76ae5ac0a2e604bd!8m2!3d-1.4390264!4d-48.487682>. Acesso em 15/12/2018

³ Arquivo pessoal. Estão na imagem (da esquerda para a direita) Rosalina (professora de terceiro ano), Ana Lúcia (técnica em educação), Ana Rosa (Coordenadora), Rafael Castro (professor de

Vale a pena destacar que se trata de uma escola que conta com algumas condições básicas para que o processo ensino-aprendizagem ocorra de maneira satisfatória (destaque para as salas de aula que contam com condicionadores de ar, que mesmo apresentando problemas, amenizam o forte calor característico de nossa região). A escola está situada em um bairro central e se destaca por não sofrer com um dos grandes dilemas das escolas da região central de Belém, a falta de alunos matriculados. Funciona em dois turnos (manhã e tarde) e conta com turmas de Ensino Fundamental desde o segundo ano até o nono (manhã e tarde). As turmas que estão envolvidas no estudo aqui desenvolvido serão as dos sextos anos dos dois turnos. Durante o ano letivo de 2018, havia em funcionamento na E.E.E.F. Professor Waldemar de Freiras Ribeiro quatro turmas de sexto ano (uma no turno da manhã e três no turno da tarde). Observe o quadro:

| MATRICULADOS NOS SEXTOS ANOS – ANO LETIVO 2018 | |
|---|---------------------|
| TURMAS | MATRICULADOS |
| F6M901 | 30 |
| F6T901 | 31 |
| F6T902 | 30 |
| F6T903 | 30 |
| TOTAL | 122 |

Tabela 1. Estudantes matriculados nos sextos anos de 2018.⁴

Essas turmas são fomentadas com estudantes que já estavam na escola desde o quinto ano e com outros estudantes que vem de unidades de ensino próximas. Vale a pena ressaltar que o sexto ano da manhã é formado quase que na sua totalidade por estudantes que estavam no quinto ano nesta mesma unidade de ensino. Os discentes matriculados nessas turmas têm entre nove e onze anos de idade. Grande parte deles é de residentes nos bairros que estão no entorno da unidade de ensino que é alvo desse estudo. O bairro do Umarizal se caracteriza pela concentração de muitos empreendimentos comerciais e pela alta verticalização de áreas residenciais. Vale destacar que o mesmo se

História), Rosimery Castro (diretora da escola), Luiz Cláudio (professor de Matemática) e Tiana (professora da Sala Multifuncional). Acervo pessoal de Rafael Castro.

⁴ Fonte: Diário de Classe Digital da Secretaria Estadual de Educação. Ano Letivo 2018.

configura como um dos bairros com o metro quadrado mais caros do município de Belém.

Vale ainda destacar que sala de aula foi o espaço escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa. Todas as fases foram desenvolvidas neste espaço, que em muitas oportunidades se mostra como algo entediante, não apenas para os estudantes, mas também para os professores. Desenvolver essa estratégia, de uso de pintura rupestres da região amazônica como fonte histórica, se mostrou como algo que também revaloriza a sala de aula.

Um aspecto que também foi de fundamental importância para o desenvolvimento desta pesquisa, foi a análise do material didático destinado aos estudantes do sexto ano do ensino fundamental. Vale destacar que o material didático se configura, na maioria das vezes, como um dos principais referenciais de informação para os estudantes no que tange aos conhecimentos referentes a ciência histórica. A obra de Patrícia Ramos Braick (volume destinado ao sexto ano) foi analisado neste trabalho para se pudesse entender algumas informações trazidas pelos estudantes ao longo da pesquisa.

A compreensão dos estudantes sobre a chamada pintura rupestre foi identificada, em especial, na aplicação, em dois momentos distintos, de um mesmo questionário. As perguntas contidas no mesmo estavam orbitando nos seguintes temas: pré-história, seres humanos e registros rupestres. Entre esses dois momentos distintos, no que tange à aplicação do questionário, foi executada a oficina de produção de pinturas rupestres. Esse foi o momento em que os estudantes, do sexto ano do fundamental da Escola Waldemar Ribeiro, dos turnos manhã e tarde, entraram em um contato mais “prático” com esses tipos de registros. Não apenas se restringindo ao fato de observar as pinturas rupestres em materiais didáticos ou apresentações de documentários. Produzir essas pinturas, entender as dificuldades vivenciadas pelos humanos pré-históricos, foram de fundamental importância para que estes estudantes conseguissem, ao final desta estratégia de trabalho, lançar um olhar diferenciado sobre o período pré-histórico.

O percurso da pesquisa está evidenciada nos dois capítulos que dão corpo para esta dissertação. O primeiro capítulo intitulado “**A POSSÍVEL E NECESSÁRIA APROXIMAÇÃO ENTRE A ARQUEOLOGIA E A HISTÓRIA**”, tem como objetivo demonstrar que a Arqueologia é de suma importância para

que se construa uma proposta de utilização da pintura rupestre como fonte histórica com mais efetividade. Ter acesso a informações que demonstram como esta ciência se construiu ao longo do processo histórico colabora para uma melhor apropriação, tanto dos professores como por parte dos estudantes. Uma vez que não são raras as referências ao trabalho desenvolvido pelos arqueólogos nos estudos que tratam sobre a chamada “Pré-história”. No entanto a utilização da mesma se dá, na maioria dos casos, seja nos manuais didáticos ou fora deles, uma caracterização da Arqueologia como uma forma de conhecimento sem grandes créditos, sendo em alguns casos colocada como um conhecimento de menor importância ou mesmo dotado de pouca confiabilidade. Isso se mostra como foco de uma série de tensões entre a Arqueologia e a História. Tomando como autores basilares Pedro Paulo Funari, André Prous e Edithe Pereira, entre outros, será traçado um histórico da Arqueologia para sua melhor apropriação. Destaque para lugar dos estudos que dizem respeito à pintura rupestre, em especial na região amazônica.

O segundo capítulo, intitulado **“O LUGAR DA PINTURA RUPESTRE E DO PERÍODO PRÉ-HISTÓRICO NA FORMA DE PENSAR DOS ESTUDANTES DO SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL”**, busca explicitar de que forma os estudantes pensam a pintura rupestre, os seres humanos que as fizeram e sua mentalidade a cerca do período pré-histórico. Estes aspectos serão identificados através da aplicação de um questionário, composto de quatro perguntas, que será aplicado antes e depois de uma oficina de produção de pintura rupestre. A mesma oficina visa fazer com que os estudantes tenham um contato com esse tipo de pintura de uma forma que se diferencia da oferecida pelo manual didático. Vale destacar que além do material didático, o contato com este tipo de pintura, no que diz respeito a maioria dos estudantes envolvidos na pesquisa, somente ocorrerá de forma virtual. Entendemos que fora muito proveitosa a proposta de se viver a experiência de produzir essas pinturas, se apropriando de algumas práticas que se aproximam das vividas pelos seres humanos na fase pré-histórica. As mudanças foram significativas após esta experiência nos estudantes das quatro turmas envolvidas nessa estratégia de ensino. Estabelecer como estratégia central a utilização de um tipo de fonte histórica, a pintura rupestre, que não é algo tão comum quando se escolhe

trabalhar com fontes históricas no cotidiano de sala de aula, foi de fundamental importância para que esta pesquisa.

Buscar familiarizar os estudantes com aquilo que se configura como o principal objeto de trabalho do historiador, dificilmente não será visto como algo extremamente proveitoso. Não são, de forma alguma, recentes as produções acadêmicas que defendem e dão vasto subsídio, para que se prime pelo trabalho em sala de aula com as fontes/documentos históricos. Observemos as palavras de Circe Bittencourt sobre esta utilização:

Muitos professores que os utilizam (documentos históricos) consideram-nos um instrumento pedagógico eficiente e insubstituível, por possibilitar o contato com o “real”, com as situações concretas de um passado abstrato, ou por favorecer o desenvolvimento intelectual dos alunos, em substituição de uma forma pedagógica limitada à simples acumulação de fatos de uma história linear e global elaborada pelos manuais didáticos (BITTENCOURT, 2004, p.327).

É extremamente importante que não se perca de vista que se trata de estudantes do ensino fundamental e que eles não dispunham de conhecimentos e experiências que possibilitem um contato com a fonte histórica da mesma forma que tem um historiador. Relembrando Circe Bittencourt, que afirma não se tratar de “pequenos historiadores” (BITTENCOURT, 2004, p.328).

Vale destacar a importância de fazer com que esses estudantes, estejam no ensino fundamental ou médio, se aproximem, e por consequência se familiarizem cada vez mais, dos mais variados tipos de fontes históricas. É evidente que, levando em consideração as limitações de um estudante do ensino fundamental, estes estudantes conseguirão desenvolver, de forma gradativa no decorrer dos anos da educação básica, cada vez mais competências para que consigam formular ideias sobre a História através desse tipo de contato com as fontes históricas.

No momento em que se resolve desenvolver a estratégia de trabalhar com as fontes históricas em sala de aula, deve se tomar cuidado para que isto seja feito de forma adequada com a realidade escolar em questão. Não se pode perder de vista que, no momento em que essas fontes históricas estão no espaço da sala de aula, elas estão ali na condição de materiais didáticos, ou seja, não se pode tratar o documento da mesma forma como se trata com as fontes no âmbito acadêmico (BITTENCOURT, 2011, p.329).

Para que a estratégia de utilização de um documento histórico não se torne um tormento para os estudantes, pois uma vez que os mesmos percebam esses documentos dessa maneira, boa parte da proposta já se encontra comprometida, será de grande valia que o docente seja eficaz em perceber o sentido que aquele registro histórico tem, em especial para os estudantes.

Não de forma aleatória que fora escolhido a utilização de imagens para que se trabalhasse o tema da Pré-história nesta pesquisa (no caso as pinturas rupestres da região amazônica, mais especificamente de Monte Alegre, no estado do Pará). Quando falamos em desenvolver uma estratégia pedagógica em turmas do ensino fundamental, como foi o caso dos sextos anos, é de muito bom proveito o uso de imagens. Não se trata de usar a imagem como uma mera ilustração que serve para confirmar alguma referência estabelecida pelos textos escritos que surgem nos manuais didáticos. Vale a pena destacar a impressão de Ernest Lavissee, ainda na realidade do século XIX, sobre a importância da utilização das imagens como recurso didático no trabalho com as crianças:

As crianças tem necessidade de ver as cenas históricas para compreender a história. É por essa razão que os livros de história que vos apresento estão repletos de imagens. Desejamos forçar os alunos a fixarem as imagens (LAVISSEE, In BITTENCOURT, 2015. P. 75)

A ideia de que seria importante desenvolver materiais didáticos ricos em imagens, fica claro com esta citação, que não se trata de algo novo. Não que seja objetivo deste estudo, pois não há espaço pra isso, mas vale a pena destacar que não são poucas as obras didáticas que ainda tratam a inserção das imagens não de forma muito diferenciada da defendida por Lavissee.

Um dos aspectos que em muito colaborou para a realização deste estudo, foi justamente o trato das imagens produzidas na pré-história da humanidade, em especial as que foram produzidas na região amazônica.

CAPÍTULO 1 – A POSSÍVEL E NECESSÁRIA APROXIMAÇÃO ENTRE A ARQUEOLOGIA E A HISTÓRIA

Neste capítulo vamos discorrer sobre a escolha do manual didático e sua utilização na estratégia de se trabalhar com a pintura rupestre como fonte histórica. Também será evidenciada a importância de se aproximar da ciência arqueológica, uma vez que são claras as dificuldades de se trabalhar com os registros pré-históricos sem recorrer a Arqueologia, ciência que em muitas oportunidades não recebe a merecida credibilidade por parte dos historiadores. Também será dado o destaque para a pintura rupestre e seu lugar nas pesquisas desenvolvidas no Brasil e mais especificamente na região amazônica.

1.1 – O PROCESSO DE ESCOLHA E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MANUAL DIDÁTICO DE HISTÓRIA.

A escolha dos manuais didáticos não tem se configurado como um momento cercado de grandes cuidados, pelo menos nas unidades de ensino onde tive oportunidade de lecionar. Já atuo como professor de História desde 1998, iniciando minha experiência profissional na rede privada (já atuei em aproximadamente quinze estabelecimentos que se encontram, ou se encontravam, nos municípios de Belém, Ananindeua e Castanhal). Mesmo não sendo o objetivo desta pesquisa, ressalto que em nenhuma dessas escolas da rede particular, as quais tive a oportunidade de trabalhar, tive a experiência de escolher os manuais didáticos que utilizaria ao longo do ano letivo. Eles apenas eram apresentados, já definidos quais seriam utilizados, para que o corpo docente estabelecesse suas estratégias de utilização através do planejamento. Tive mais oportunidades de interferir no material didático que seria utilizado, em escolas que produziam o próprio material. Isto ocorreu em duas escolas da rede privada.

Em 01 de agosto de 2007, iniciei minha trajetória como funcionário público⁵, atuando no cargo de professor de história na rede estadual de ensino do estado do Pará. No que diz respeito à escolha dos manuais didáticos, a

⁵ Fui aprovado em concurso público no ano de 2006. Na oportunidade não foram oferecidas vagas para minha cidade natal, Belém. Me inscrevi, para disputar no certame, uma vaga para

realidade que vivencio na rede estadual de ensino tem sido bem diferenciada de minha experiência na rede privada. Na rede estadual temos a oportunidade de escolher, ou mesmo de interferir na escolha, no entanto, a escolha do material didático seja feita de forma bastante problemática.

Tal situação já vem sendo observada de longa data nas escolas brasileiras, nas mais variadas regiões e nas mais diversas realidades. Podemos perceber este aspecto em uma pesquisa de Flávia Eloísa Caimi:

Os professores também foram instados a responder sobre o processo de escolha do livro didático realizado nas escolas, obtendo-se dados significativos acerca do seu protagonismo. Apenas cinco professores disseram não terem conhecimento de como é realizada a escolha dos livros didáticos de História; quatro professores responderam que a escolha é feita pela equipe administrativa e pedagógica da escola; três responderam que a escolha é feita apenas pelos professores mais antigos da escola; nenhum professor manifestou que a escolha foi feita pela Secretaria de Educação do Município, fato que acontece em alguns municípios brasileiros. Dentre os professores respondentes, 21 afirmaram que a escolha é feita somente pelos professores de cada disciplina, e dezoito disseram terem participado diretamente da escolha da última coleção, dados que mostram um envolvimento razoável dos docentes com a escolha do livro didático de História. No entanto, dezesseis professores manifestaram que **o tempo destinado à escolha não é suficiente para realizar uma análise segura e consistente** (CAIMI, 2006, p.108)

Confesso que me causou estranheza o fato de alguns professores que participaram da pesquisa evidenciarem que as secretarias de educação de seus municípios escolheram o material didático, sem qualquer interferência dos professores. Outro caso que me chamou atenção, também, foi o fato de a equipe administrativa e pedagógica tivesse escolhido os manuais que seriam utilizados na unidade de ensino, também sem a interferência dos professores. No entanto se mantém a problemática do curto espaço de tempo para realizar, como foi citada na pesquisa de Caimi, tempo insuficiente para uma escolha mais segura.

No caso da Escola Waldemar Ribeiro, a coordenação disponibilizou as coleções para que os professores fizessem a análise, o que acabou não ocorrendo em conjunto com a outra profissional que era lotada nesta mesma unidade de ensino. Não que a professora fosse de difícil acesso, muito pelo contrário, se tratava de uma profissional que não se resguardava em travar alguns debates no que dizia respeito ao nosso trabalho. Essas conversas geralmente acabavam ocorrendo nos intervalos das aulas do turno da tarde.

As obras inclusas no PNLD 2016 (Programa nacional do Livro Didático) disponibilizadas para a análise dos professores⁶:

| | |
|--|---|
| <p>PROJETO MOSAICO - HISTÓRIA Autores: Cláudio Vicentino e José Bruno Vicentino Editora Scipione 1ª edição – 2015</p> | <p>HISTÓRIA, SOCIEDADE & CIDADANIA Autor: Alfredo Boulos Júnior Editora FTD 3ª edição – 2015</p> |
| <p>VONTADE DE SABER – HISTÓRIA Autores: Adriana Dias, Keila Grinberg e Marco Pellegrini Editora FTD 3ª edição – 2015</p> | <p>HISTÓRIA.DOC Autores: Daniela Buono Calainho, Jorge Ferreira, Ronaldo Vainfas e Sheila de Castro Faria Editora Saraiva Educação 1ª edição – 2015</p> |
| <p>PROJETO ARARIBÁ – HISTÓRIA Autora: Maria Raquel Apolinário Editora Moderna 4ª edição – 2014</p> | <p>PROJETO TELÁRIS – HISTÓRIA Autores: Gislane Azevedo e Reinaldo Seriacopi Editora Ática 2ª edição – 2015</p> |
| <p>HISTÓRIA NOS DIAS DE HOJE Autores: Flávio de Campos, Miriam Dolhnikoff e Regina Claro Editora Leya 2ª edição – 2015</p> | <p>INTEGRALIS – HISTÓRIA Autores: Célia Cerqueira, Maria Aparecida Pontes e Pedro Santiago Editora IBEP 1ª edição – 2015</p> |
| <p>ESTUDAR HISTÓRIA: DAS ORIGENS DO HOMEM À ERA DIGITAL Autora: Patrícia Ramos Braick Editora Moderna 2ª edição – 2015</p> | |

Tabela 2. Obras inclusas no PNLD 2016 (Programa nacional do Livro Didático).

⁶ Brasil. Ministério da Educação. PNLD 2017: apresentação – Ensino fundamental anos finais / Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica – SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2016)

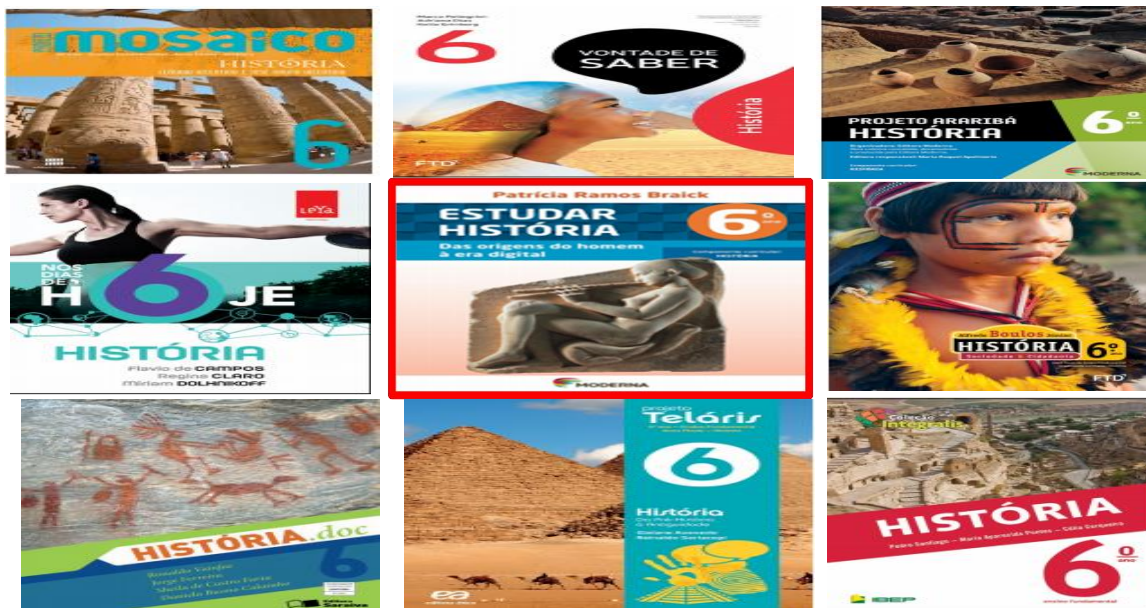


Figura 3. Imagens das capas dos livros que foram destinados à escolha dos professores. Todas foram retiradas do PNLD 2017.

O livro escolhido, destacado na figura em vermelho, para as turmas de sexto ano foi o de Patrícia Ramos Braick, “Ensinar história: das origens do homem à era digital” (São Paulo: Moderna, 2015). Devido à falta de tempo para uma análise mais detalhada, uma vez que eram nove coleções (cada uma delas com 4 volumes referentes a uma turma do ensino fundamental de nove anos), ficou decidido pela adoção da coleção que já era de conhecimento dos dois professores de História que estavam lotados naquela unidade de ensino. De acordo com as regras do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), esse material didático seria utilizado na escola no triênio 2017, 2018 e 2019.

Infelizmente o curto tempo para a escolha do material didático tem fortes influências na projeção das estratégias de ensino-aprendizagem que são pensadas para o ano letivo. Mesmo a escola contando com a semana pedagógica, vale destacar que apenas um dia é destinado para as reflexões dessas estratégias. No caso deste ano letivo, ainda tivemos que contar com a dificuldade de encontros entre os dois professores da disciplina história que estavam lotados na escola.

A clientela atendida na Escola Waldemar Ribeiro é de moradores dos bairros que ficam próximos ao Umarizal (que está entre os bairros considerados “nobres” do município de Belém). O baixo poder aquisitivo dos estudantes colabora para que a maioria esmagadora deles não tenha fácil acesso a internet, seja através de computadores ou aparelhos de celular (vale destacar que a

maioria deles, nos dois turnos, não tem telefone celular). Devido esta situação, as informações que são apreendidas por eles, no que diz respeito ao conteúdo da disciplina história, vem especialmente dos livros didáticos, do contato com a televisão ou de produções cinematográficas. Tratar desses “três universos”, de forma mais específica, não se configura como objetivo desta pesquisa. Vamos nos deter em entender de que forma os materiais didáticos exerceram influência sobre a forma de pensar dos estudantes sobre as fontes históricas, em especial no que diz respeito à pintura rupestre.

Na minha experiência na docência da disciplina história, percebo, de forma muito corriqueira, uma espécie de depreciação dos materiais didáticos fornecidos pela Secretaria de Educação do Estado do Pará, seja este manual didático escolhido ou não pela equipe de professores das unidades de ensino. São muitas as situações em que alguns colegas de profissão se recusam a usar os manuais didáticos por acusá-los, muitas das vezes com pouquíssima fundamentação, de se tratar de materiais de baixa qualidade. Isso implica, em muitos casos, em uma subutilização, ou até mesmo uma negação, dos manuais didáticos. Quando se pretende trabalhar com as pinturas rupestres, é imprescindível, e em especial na realidade dos estudantes do sexto ano da escola a qual foi realizada esta pesquisa, o manual didático se configura com uma ferramenta de grande importância. Não há, nem se pretende aqui criar ou incentivar, espaço para a atitude corriqueira da negação do livro didático. Uma das grandes referências, no que tange ao próprio uso do livro didático em sala de aula, Circe Maria Fernandes Bittencourt, chama a atenção para uma forma de utilização eficiente desses recursos da seguinte forma:

Uma proposta para um uso diferenciado do livro didático deve, então, começar pelo princípio básico de leitura de uma obra. É importante fazer uma apresentação do livro para os alunos em sua integralidade, pedindo-lhes que elaborem uma ficha bibliográfica da obra, com nome do autor, título, editor, local de edição, etc. o mais importante é ensiná-los a utilizar o índice, para identificarem, pelo tema de estudo, o capítulo a ser lido e estudado. Deve ser uma tarefa dos alunos localizar a página do texto de leitura ou das atividades a ser realizadas. Essas práticas refletem em um comprometimento do professor com a autonomia intelectual dos alunos, fornecendo-lhes, no cotidiano das aulas, as ferramentas básicas para o “saber estudar” ou “saber pesquisar”. Refletem igualmente o fato de **o livro didático poder ser usado como material de pesquisa, como referencial para busca de informações**, além de poder ser constantemente usado em outras pesquisas, em outros momentos do processo de escolarização. (grifo meu) (BITTENCOURT, 2004, p. 320)

Estabelecer uma estratégia na qual os estudantes percebam o material didático, que foi disponibilizado na rede estadual de ensino, como um material para servir de fonte de informação. Não há aqui a pretensão de apresentar o livro de Patrícia Braick como “o” referencial, mas sim como “um” referencial, uma possibilidade. O trato deste livro, no trabalho com os discentes, como um livro comparado a outra obra qualquer, é de fundamental importância para que o mesmo seja percebido desta forma. Mostrar aos estudantes que o material didático carrega uma visão de mundo, uma forma de observar e caracterizar a realidade, não como uma verdade pronta, acabada e indiscutível.

O professor se apresenta como peça fundamental para guiar os estudantes a reconhecer sua autonomia, sua capacidade de fazer leituras do mundo que o cerca. Claro que não o fará da mesma forma que um historiador profissional o faz. Para isso ele não precisa necessariamente se apropriar de uma série de teorias e metodologias, seja para entrar em contato com o seu material didático, seja para reconhecer o próprio material didático como fonte histórica. Sempre estejamos alerta para o fato de que não estamos lhe dando como “pequenos historiadores”, sempre atentando ao fato de que o estudante não é uma “espécie de historiador”, como destaca Circe Bittencourt:

Recorrer o uso de documentos nas aulas de História pode ser importante, segundo alguns educadores, por favorecer a introdução do aluno no pensamento histórico, a iniciação aos próprios métodos de trabalho do historiador. Nesse caso, há certa ambição em tornar o aluno uma espécie de historiador, situação complexa que conduz a problemas de difícil solução. (BITTENCOURT, 2004, p. 327)

O historiador deve atentar para o fato de que o aluno não vai tratar a fonte como um historiador. O documento histórico tem para o historiador uma determinada finalidade, que não será a mesma quando se trata de uma situação de ensino. Como destaca Bittencourt, sempre ter cautela também deve estar presente no que tange à escolha da fonte, a mesma deve estar em conformidade com o nível em que o estudante se encontra. Isso se configura como algo de fundamental importância para que não se desenvolva uma estratégia de ensino-aprendizagem que leve à frustração de ambos, professores e estudantes.

O trabalho com fontes históricas, dentro ou fora do espaço sala de aula, pode ser extremamente fecundo, quando trabalhado de forma bem

sistematizada e apoiado em suportes teórico-metodológicos satisfatórios. Conduzir os estudantes para questionar sua forma de pensar, ou melhor, guiar os estudantes para mudar seus pensamentos mais cristalizados. No que tange a disciplina história, é muito comum entre os estudantes que foram abordados nessa pesquisa, uma concepção de tempo que está intimamente ligada ao que está exposto no livro didático que eles utilizam na escola.

Em uma das fases desta pesquisa fora aplicado um questionário, que será apresentado de forma mais detalhada no segundo capítulo, que demonstrou uma relação muito forte entre o que os estudantes mais evidenciam como uma forma de representar os vários períodos da história humana, que são as linhas do tempo. Tomando como exemplo a linha do tempo presente no manual didático destinado para as turmas de sexto ano da escola, observamos, sem dúvida, que uma das formas mais recorrentes de representação de tempo nos manuais didáticos, em especial nos destinados ao sexto ano do ensino fundamental, são as linhas do tempo. Sônia Regina Miranda discorre da seguinte forma sobre as linhas do tempo presentes nos livros didáticos do PNLD de 2005 e 2011:

Nas linhas do tempo, por sua vez, os referenciais históricos normalmente prescindem da condição de inferência com base no que produz sentido para a criança porque, via de regra, as linhas do tempo são apresentadas com dados que aludem a um passado abstrato, cujas informações nem sempre produzem um sentido *a priori*, sob um escopo gráfico constituído de modo subordinado a ideias como *progresso* e *tempo* - entendido como algo que se desenrola em função de um sentido de sequência e de uma perspectiva genético-evolutiva (MIRANDA, 2012, p. 252).

A obra de Patrícia Braick, adotada pelos professores do sexto ano da Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Professor Waldemar Ribeiro, que faz parte do PNLD 2017, exhibe nas páginas 40 e 41 a primeira concepção de linha do tempo que envolve, especificamente, os seres humanos. Vale destacar que esta linha tem como referência temporal a chamada “pré-história” e as representações humanas que são evidenciadas expressam a ideia de caminhada evolutiva da esquerda para a direita (uma forma de representação já corriqueira em vários manuais didáticos da esquerda para a direita, na qual o tempo caminha de datas mais antigas para datas mais atuais)

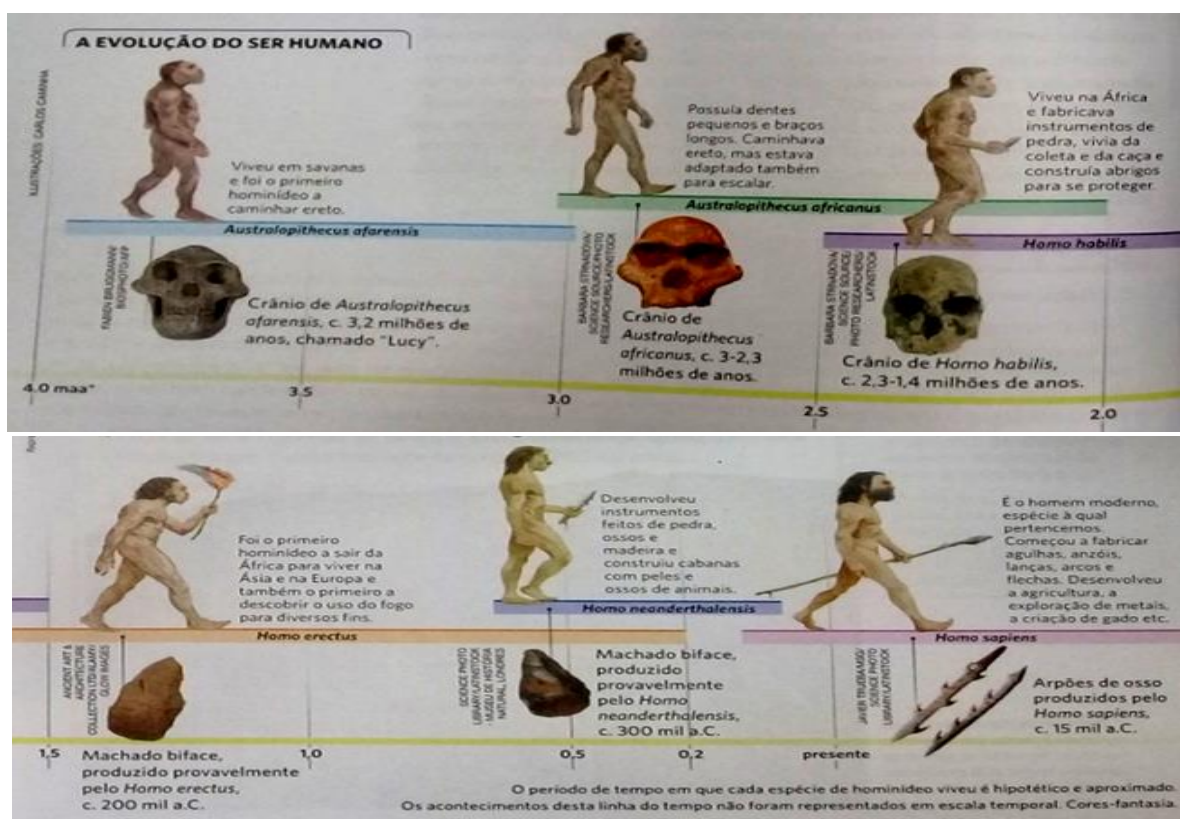


Figura 4. Imagens das páginas 40 e 41.

No volume denominado “Manual do Professor”, disponibilizado aos professores de história desta unidade de ensino, contém uma observação, mais especificamente na página quarenta e um, ocorre a seguinte observação:

O uso do termo “primitivo” remete à noção de primordial, primeiro, inicial. No século XIX, por influência do cientificismo positivista e da dicotomia entre povos civilizados e povos bárbaros, o termo “primitivo” foi equivocadamente apropriado para classificar os povos tidos como menos evoluídos ou atrasados. Ao resgatar o conceito nesse livro, a intenção é devolver a ele o sentido original, sem o preconceito que lhe

foi atribuído pelas teorias racistas do século XIX. (BRAICK, 2015, p. 25)

Apesar de trazer esta orientação para o trabalho do professor em sala de aula, a forma como a linha do tempo, que se refere aos seres humanos, nas imagens destacadas do livro, colabora para que os estudantes, do sexto ano do ensino fundamental, elaborem a ideia de que este homem é atrasado. O termo primitivo ganha, na forma de pensar desses discentes, justamente o sentido contrário do que vem a ser a proposta da obra didática. Esta ideia fica muito clara nas respostas aos questionários aplicados em sala de aula e que serão analisados no segundo capítulo.

2 – AS FONTES HISTÓRICAS, A ARQUEOLOGIA E O ENSINO DE HISTÓRIA.

Muitos manuais didáticos de ensino fundamental apresentam capítulos que tratam especificamente das chamadas fontes históricas. Sua variedade é bastante ressaltada com os mais variados exemplos, que vão desde documentos ditos oficiais até o que se costuma chamar de patrimônio imaterial. Dois aspectos importantes são deixados praticamente de lado nos manuais didáticos que tive contato ao longo de minha experiência como professor do ensino básico:

- I. a caracterização da “Pré-História” como algo a parte do que se convencionou caracterizar como História.
- II. a pouca utilização do vestígio conhecido como pintura rupestre no capítulo que se destina a elucidar as fontes históricas.

Ao se lançar um olhar sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais, pode-se perceber uma proposta que visava promover a valorização da utilização de vários vestígios (fontes históricas) considerando o seu contexto histórico.

“É tarefa do professor criar situações de ensino para os alunos estabelecerem relações entre o presente e o passado, o particular e o geral, as ações individuais e coletivas, os interesses específicos de grupos e as articulações sociais.

Podem ser privilegiadas as seguintes situações didáticas:

- questionar os alunos sobre o que sabem, quais suas ideias, opiniões, dúvidas e/ou hipóteses sobre o tema em debate e valorizar seus conhecimentos;
- trabalhar com documentos variados como sítios arqueológicos, edificações, plantas urbanas, mapas, instrumentos de trabalho, objetos

cerimoniais e rituais, adornos, meios de comunicação, vestimentas, textos, imagens e filmes;” (Brasil. MEC / SEF, 1998, p. 77)

Promover estratégias que envolvam outras disciplinas (como ocorrerá nesta pesquisa com a oficina de pintura rupestre em conjunto com a professora de Artes da Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Professor Waldemar Ribeiro) também se configura como proposta nos PCNs:

“propor novos questionamentos, fornecer novas informações, estimular a troca de informações, promover trabalhos interdisciplinares;” Brasil. MEC / SEF, 1998, p. 77)

Tomando como referencial a minha experiência em sala de aula, é muito comum identificar que os estudantes estão amplamente influenciados por uma visão de fonte histórica que caracterizava o século XIX, momento que marca a profissionalização do historiador, como destaca Durval Muniz de Albuquerque Júnior:

“Em 1810, é criada na Universidade de Berlim a primeira cátedra de história, entregue a Leopold Von Ranke. Assim, inicia-se a profissionalização do ensino e da escrita de história, tornando-a um saber universitário, com aspirações à cientificidade e a serviço de objetivos e funções que serão traçados pelo Estado que promove, avalia e fiscaliza a docência e produção na área” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 23)

Vale a pena salientar que não são novas as críticas à utilização/valorização das fontes escritas como algo dotado de confiabilidade pela autenticidade. O historiador Lucien Febvre (um dos fundadores da famosa Escola dos Annales⁷) evidencia em sua obra que a história também pode ser escrita sem necessariamente contar com fontes escritas:

⁷ A “Escola dos Annales” (não que haja um consenso entre os historiadores sob o uso da expressão “escola”), movimento iniciado especificamente na França, no início do século XX, é, sem sombra de dúvidas, uma das maiores influências dos historiadores formados nas universidades brasileiras no final do século XX e início do século XXI. Entre os nomes dos historiadores dessa “escola” estão Marc Bloch, Lucien Febvre, Fernando Braudel, Jacques Le Goff, Le Roy Ladurie. Entre as principais propostas destacadas pelos mais variados historiadores temos a ideia de que podemos perceber ritmos diferenciados para o que chamamos tempo histórico, e a ampliação do conceito de fonte histórica. Não há dúvidas de que este último aspecto é de suma importância para o desenvolvimento desta dissertação. Vale destacar as leituras de Peter Burke (1997) e José D’Assunção Barros (2012).

“A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. [...] Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem”(FEBVRE In: LE GOFF, Jacques, 1998.p. 530)

As críticas propostas pela historiografia, no que tange à utilização exclusiva das chamadas fontes escritas, não são novidades nem para os historiadores profissionais, nem para aqueles que já se propunham a fazer história desde a chamada Idade Antiga. Pedro Paulo Funari chama a atenção não apenas para os trabalhos desenvolvidos por figuras emblemáticas como Heródoto, Tucídides ou Salústio, mas também alerta para o tratamento de disciplina auxiliar que em várias ocasiões historiadores delegam para a Arqueologia:

“No entanto, se voltarmos aos historiadores antigos lembrados no início do capítulo, Heródoto, Tucídides ou Salústio, nós perceberemos que, para eles, a História se faz com testemunhos, com objetos, com paisagens, **não necessariamente com documentos escritos** (grifo meu), consultados apenas marginalmente e citados de forma indireta, reportada. Heródoto viajou pelos lugares em que haviam ocorrido os combates ou que eram de alguma forma relacionados ao seu tema e lá consultou os habitantes, visitou lugares, templos, edifícios, conheceu paisagens. Não saía a copiar documentos e, menos ainda, conhecia as línguas locais para que o pudesse fazer com o rigor exigido a um historiador moderno. Os discursos reportados pelos historiadores, como a famosa "oração de Péricles em Tucídides", eram criação do autor, baseada no que havia ouvido ou mesmo se supunha fosse plausível para as circunstâncias dadas. Os antigos, portanto, já faziam uso das fontes materiais, daquilo que nós chamaríamos de fontes arqueológicas. O predomínio da preocupação dos historiadores modernos com o documento escrito marcaria a maneira como a Arqueologia foi encarada, por muito tempo, como **uma disciplina auxiliar, como uma fonte complementar apenas, às vezes como mera ilustração** (grifo meu)”(FUNARI, 2008, p. 84.).

Outro aspecto que há muito paira sobre a Arqueologia, e de forma bastante intensa, tanto nos meios acadêmicos como fora dele, é justamente esta caracterização de que a mesma cuida apenas de um determinado período da história da humanidade. E esta concepção de história está intimamente ligada à ideia de deixar a Pré-história como algo a parte (algo que a própria denominação clássica do termo já sugere). Interessantes as palavras de Mauro Vianna Barreto

sobre a etimologia da palavra Arqueologia, reduzindo-a para um tempo específico, assim como seus objetos de estudo:

“Etimologicamente a palavra "Arqueologia" vem do grego *arkhaiologia* (*arkhaiós*, antigo; *logía*, discurso, tratado), querendo significar a "ciência ou estudo das coisas antigas". O vocábulo surgiu no final do século XVI e estava associado ao estudo das antiguidades clássicas ou dos monumentos pré-históricos existentes em países da Europa. Com o decorrer do tempo, e com a evolução dos métodos de pesquisa, o termo passou a ter uma significação científica mais precisa” (BARRETO, 2010, p.13).

A utilização/valorização da pintura rupestre como fonte histórica, também visa contribuir para que os discentes sejam estimulados a pensar em lançar um novo olhar ao período caracterizado de “pré-histórico”. Apesar dos manuais didáticos serem compostos de propostas que visam demonstrar a importância de conquistas como a agricultura e o domínio da produção de fogo, é extremamente interessante observar (e isto consegui perceber em minha prática em sala de aula) que os estudantes, em grande maioria, consideram que a grande conquista da humanidade foi a escrita. Sem dúvida que isto também recebe a influência da própria organização do livro didático, que dá grande destaque para o momento em que se inicia o que se convencionou chamar de história (com suas periodizações tradicionais). O estabelecimento nos manuais do ensino fundamental de um tempo de dimensão cronológica colabora, indubitavelmente, para que os alunos elaborem olhares sobre o passado em que as sociedades que existiram antes de “nossa época” estariam marcadas pelo “atraso”:

“O exemplo clássico de organização dos conteúdos é o que se constitui a partir das temporalidades. Preponderante ainda na maioria das escolas brasileiras, o tempo, considerado em uma dimensão cronológica, continua sendo a medida utilizada para explicar a trajetória da humanidade. A periodização que se impôs desde o século XIX – História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea – está presente em grande parte dos livros didáticos: retrocede-se às origens estabelecendo-se trajetórias homogêneas do passado ao presente, e a organização dos acontecimentos é feita com base na perspectiva de evolução” (BEZERRA, In.: KARNAL, 2003, p. 37-49).

Não apenas a pouca utilização se configura como um problema, mas também a continuidade de discursos que são bastante depreciadores no que tange ao ser humano que viveu no que se convencionou denominar (em especial

nos manuais didáticos analisados nessa pesquisa) como “Pré-História”⁸. Pedro Paulo Funari assim define este período:

“A Pré-História trata dos últimos 100 a 200 mil anos, período que existe a espécie humana, o *Homo sapiens sapiens*, e também dos milhões de anos anteriores, em que existiram os hominídeos, espécies que antecederam à nossa: 99,9% do passado, portanto. Apenas 0,1% do tempo da existência do homem e dos seus ancestrais na cadeia evolucionária corresponde ao período em que existe a escrita” (FUNARI, 2006, p. 13).

Quando um historiador/professor se propõe a trabalhar com as fontes históricas que são muito características da chamada “Pré-História”, como é o caso das chamadas pinturas rupestres, se torna inevitável a sua aproximação com outras áreas das ciências sociais. No caso desta pesquisa, a Arqueologia se configura como a ciência que será visitada em várias oportunidades. Aproximação esta que não pode ser vista como novidade pelo historiador profissional. Tomo aqui a liberdade de ressaltar que a minha experiência na graduação foi amplamente influenciada por historiadores da famosa “Escola dos Annales”. Justamente essa corrente de historiadores (que está muito distante de um conceito de homogeneidade) que buscou a proximidade com a Arqueologia.

Uma das características mais interessantes da renomada Escola dos Annales, no que tange aos objetivos desta pesquisa, está ancorada na sua busca pela interdisciplinaridade com outras áreas das ciências sociais. A ciência histórica passa a se municiar cada vez mais de novas possibilidades (em especial no que diz respeito à ampliação do que se considera fonte histórica). Tornando cada vez mais proveitosa a sua relação com a antropologia, sociologia, arqueologia, estatística, demografia, psicanálise e linguística. Articulou-se com a sociologia, a arqueologia, a antropologia. Peter Burke, em sua célebre obra “A Escola dos Annales (1929-1989) – A Revolução Francesa da historiografia”, assim estabelece esta relação e sua importância:

A história dos *Annales* pode assim ser interpretada em termos da existência de três gerações, mas serve também para ilustrar o

⁸ Nos manuais didáticos analisados nessa pesquisa (que fazem parte do PNLD 2017, 2018 e 2019) se convencionou chamar de “Pré-história” o período compreendido entre o surgimento dos hominídeos e o aparecimento dos registros escritos. Será utilizada, nesta pesquisa, a denominação para designar o período da existência humana anterior a escrita, o termo pré-contato.

processo cíclico comum segundo o qual os rebeldes de hoje serão o *establishment* de amanhã, transformando-se, por sua vez, no alvo dos novos rebeldes. Mesmo assim, algumas de suas preocupações básicas permanecem, pois a revista e os indivíduos a ela associados oferecem o mais sistemático exemplo, neste século, de uma interação fecunda entre a história e as ciências sociais (BURKE, 1997, p. 13).

Creio que este seja o momento oportuno de estabelecer a ligação necessária entre a Arqueologia e a estratégia de utilização da pintura rupestre como fonte histórica. Se apropriar de informações sobre o próprio desenvolvimento ciência arqueológica, se estabelece como algo de fundamental importância para dar o tratamento adequado da chamada pintura rupestre. Entender como a Arqueologia se desenvolveu, especificamente a partir do contexto do Neocolonialismo, até chegar no patamar de ciência, conseguindo perceber, especialmente os conflitos que se travaram com a ciência histórica, são de grande valia para que o historiador consiga estabelecer bases mais seguras no trato da pintura rupestre como fonte histórica. Não que baste entender como a Arqueologia se construiu como uma ciência, mas entender como dentro desta mesma ciência foi dada a devida importância para a chamada pintura rupestre. Vale ressaltar, desde já, que quando falamos mais especificamente da região amazônica, são dados grandes destaques para estudos que abordam a famosa cerâmica marajoara. Vale ressaltar que em nenhum momento, a pesquisa aqui desenvolvida, tem como objetivo estabelecer qualquer tipo de hierarquização dos materiais utilizados como objeto de estudos. Mas tratar da pintura rupestre de forma mais intensa com os estudantes, foi pensada como uma estratégia. Tomar conhecimento de como os estudos na área da ciência arqueológica chegaram em nossa região nos ajuda, sem dúvidas, a compreender o pouco contato que grande parte dos estudantes tem com este tipo de fonte histórica.

Um maior contato com as informações que poderiam me fornecer um panorama mais seguro no que tange a Arqueologia, foi necessário para que ocorresse o desenvolvimento desta pesquisa, por conta do pouquíssimo contato que tive com tais informações no período de minha graduação.

Minhas primeiras referências, no que diz respeito à Arqueologia, surgiram a partir do contato com a sétima arte. Fora muito comum, pelo menos com a juventude dos anos 1980, indivíduos escutarem falar, de alguma maneira, de um

herói chamado de *Indiana Jones* (criado pela indústria cinematográfica norte-americana). Este era, na obra ficcional, um famoso arqueólogo que se notabilizou por desvendar os mistérios dos continentes que foram alvos das ações neocoloniais (imperialistas). Sem dúvidas que, para crianças e jovens, em especial, este personagem era uma das grandes influências na representação do que seria um arqueólogo (uma profissão que a sétima arte liga, intimamente, à aventura). Esta relação da ciência arqueológica com o espírito aventureiro aparece nas telas do cinema, como também na própria caminhada que a arqueologia vivencia até se tornar uma ciência (com seus métodos e teorias). Não tenho dúvida de que cabe neste momento estabelecer um breve histórico desta ciência.

2.1 – A ARQUEOLOGIA: SUA CONSTRUÇÃO COMO CIÊNCIA.

A Arqueologia surge intimamente ligada ao contexto do século XIX, sendo citado por Funari como uma espécie de “subproduto da expansão das potências coloniais europeias e dos Estados Unidos, que procuravam enriquecer explorando outros territórios”⁹. A ação dos primeiros arqueólogos colaborou, de forma marcante, para que a propagação da ideia de que o mesmo era um aventureiro, tomasse ainda mais força, caracterizada, também, como algo que não tinha grandes preocupações com uma vida acadêmica. Podemos dar destaque, para melhor caracterizar esse momento, aos trabalhos desenvolvidos por Heinrich Schliemann (1822-1890), que ficou famoso, tanto na imprensa da época como entre seus pares, por sua busca implacável pelas ruínas da cidade de Tróia, e Howard Carter (1874 – 1939), que ficou notabilizado por ter encontrado a tumba intacta do faraó Tutancamon, que até então não desfilava entre os faraós mais famosos. Vale a pena frisar que a indústria cinematográfica se apropriou destes dois ícones da arqueologia aventureira e imperialista de forma bastante eficiente, para os fins lucrativos deste mercado. (FUNARI, 2015, p. 10)

Não podemos deixar de destacar que uma das grandes marcas do chamado século XIX foi justamente o surgimento, ou mesmo o desenvolvimento, de teorias que deixariam marcas profundas no século seguinte. Podemos

elencar entre estas o positivismo, o marxismo, o darwinismo o desenvolvimento da antropologia. Vamos dar destaque para a influência do darwinismo nos estudos que serão propostos na Arqueologia neste determinado momento, em especial os questionamentos sobre a origem do ser humano, quando ele teria surgido e onde.

Muito interessante destacar que em entrevista para a UNIVESP TV (canal do You Tube com grande prestígio no meio acadêmico), intitulada “História: A fronteira entre a História e a Arqueologia”¹⁰, Pedro Paulo Funari caracteriza a Arqueologia como uma “serva da história”. Não que seja esta a função da mesma para o referido autor, muito pelo contrário, aqui ele se refere ao trato dado por muitos historiadores para tal ciência, inclusive nos dias de hoje. Até meados de 1960, o que a Arqueologia desempenhava era o que se pode chamar de “trabalho braçal”, colhendo vestígios arqueológicos que serão tratados de forma científica pela História ou Antropologia. Neste momento observamos a apropriação de dados gerados pela Arqueologia como algo que serviria apenas para comprovar o que os historiadores afirmavam em seus estudos. Atuando, assim, como uma “disciplina auxiliar”.

“É comum, lendo-se textos de historiadores, deparar-se com expressões como “contando-se apenas com informações arqueológicas, muito pouco podemos saber sobre...” ou afirmações do tipo “quando se tem em mãos registros escritos ou orais não há o que acrescentar de significativo com a pesquisa dos elementos materiais...” (FUNARI, 2015. p. 15 – 6.

Vale ressaltar que este posicionamento de historiadores, no trato da Arqueologia como um apêndice da História, não fora algo encarado de forma passiva pelos profissionais dessa área do conhecimento. Muito felizes são as palavras de Gordon Childe sobre a Arqueologia:

“A arqueologia é uma forma de história e não uma simples disciplina auxiliar. Os dados arqueológicos são documentos históricos por direito próprio e não por meras confirmações de textos escritos. Exatamente

¹⁰O arqueólogo Pedro Paulo Funari conversa com a jornalista Mônica Teixeira sobre a fronteira entre a História e a Arqueologia. Professor Titular e coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NEPAM) da Unicamp, Funari explica como as disciplinas se diferenciam pelo tipo de corpus sobre os quais voltam suas pesquisas. De acordo com o professor, enquanto a História centra suas investigações sobre os documentos escritos, a Arqueologia tem como fonte primordial a materialidade, especialmente a partir da leitura estética dos objetos. (<https://www.youtube.com/watch?v=W88EycSnMhA> Acesso em 25 de janeiro de 2018)

como qualquer outro historiador, o arqueólogo estuda e procura reconstruir o processo pelo qual se criou o mundo em que vivemos – e nós próprios, na medida em que somos criaturas do nosso tempo e do nosso ambiente social”. (CHILDE, Gordon. In ,FUNARI, , 2015. p. 22).

Não me restam dúvidas de que aqui reside um dos grandes entraves para que os historiadores se apropriem da Arqueologia de forma mais adequada. Vale ressaltar que muitos historiadores têm uma relação de grande proximidade com a Arqueologia. Pensar a ciência arqueológica como uma área do conhecimento dotada de teorias e métodos que são confiáveis, tanto quando ocorrem confirmações de propostas feitas pela ciência histórica, como também em momentos de confrontos entre as mesmas.

A partir de 1960, a chamada Nova Arqueologia, (ou Arqueologia processual) movimento que teve sua origem nos Estados, propõe um modelo que busca uma fuga da “mera tentativa de recuperação de resquícios do passado”. Esta nova proposta metodológica tem como grande preocupação o estabelecimento de regras que viriam a servir para analisar qualquer grupamento humano, independente de suas especificidades locais ou temporais, partindo do pressuposto de que todos os seres humanos sempre agem da mesma forma. Uma espécie de “regra geral” é citada na obra de Funari:

“Tanto os homens pré-históricos como os romanos da Antiguidade, ou mesmo as pessoas nos dias de hoje, procurariam, para viver, um lugar onde houvesse água nas proximidades” (FUNARI, 2015. p. 18).

A partir da propagação dessas ideias, em variados ambientes culturais, a Arqueologia passa a ser considerada como detentora de métodos, e que a mesma tinha como dever se entrelaçar com estudos que, até então, seriam muito próprios de algumas áreas das ciências humanas. Se torna crescente o grupo dos que argumentam que a ciência arqueológica deve se preocupar tanto com o funcionamento das sociedades humanas, como também com suas transformações ao longo do tempo, sendo assim, inevitável, a aproximação com a história. Há aqui a evidência da necessidade de se estabelecer uma abordagem interdisciplinar, uma vez que a Arqueologia não “baste em si mesma”, de acordo com Pedro Paulo Funari.

Quando se fala na aproximação dos estudos entre as duas ciências (História e Arqueologia), em especial com autores da chamada Nova História, vale destacar o esforço de Jacques Le Goff e Pierre Nora, em evidenciar novas possibilidades de fontes históricas:

“Na amostragem de novos objetos da História encontram-se trabalhos sobre o clima, o inconsciente, o mito, o cotidiano, as mentalidades, a língua: Linguística e História, livro, jovens e crianças, saúde e doenças, opinião pública, cozinha, cinema, festa. As fontes consultadas e discutidas pelos autores mostram a dimensão interdisciplinar de suas perspectivas: mapas meteorológicos, processos químicos, documentos de ministérios da agricultura, relatos de incêndios, cartas sobre catástrofes climáticas do passado, diários, biografias, romances, estudos psicanalíticos, Psicologia da arte, releitura dos clássicos greco-romanos, o discurso mítico, Antropologia cultural, culto de santos, doutrinas religiosas, livros pornográficos e clandestinos, estatísticas de publicações diversas, ilustrações, caricaturas, jornais, manuais de bons hábitos, fotografias, literatura médica, receituários, dietas alimentares, documentos de ministérios da saúde sobre epidemias, escrituração de estabelecimentos voltados ao abastecimento, contas da Assistência pública, estudos de Biologia, cardápios de hospitais e listas de compra, menus de restaurantes, arte culinária, utensílios de serviços de mesa, sondagens de opinião pública, depoimentos orais, filmes mudos, sonoros e coloridos, plantas de salas de exibição de filmes, letreiros, legendas, técnicas de filmagem, filmes de propaganda política, festas de loucos, fantasias, comemorações nacionais, bailes, cores, programas de festas públicas e particulares, homenagens, músicas, celebrações religiosas, discursos, trajes especiais e uma infinidade de outras mais” (JANOTTI,. In: PINSKY, 2008. p.15).

Importante notar que na extensa lista dotada de enorme variedade, destacada por Janotti, não há uma referência sequer para a chamada pintura rupestre. Nem mesmo qualquer referência para fontes que são bem características do período chamado de pré-histórico. Se cristaliza cada vez mais a premissa de que uma variedade de fontes históricas ficam sob a tutela de outras ciências, como no caso da Arqueologia.

A partir desse momento trataremos da forma como a prática da Arqueologia se instala no Brasil, dando ênfase para o início das pesquisas arqueológicas que levavam em consideração um conjunto de metodologias e teorias e mais especificamente em território nacional.

2.2 – OS CAMINHOS DA ARQUEOLOGIA NO BRASIL

No Brasil, as pesquisas arqueológicas podem ser divididas em dois momentos: um primeiro momento em que ainda não ocorre a atuação de um

profissional de Arqueologia, munido de teorias e métodos bem consolidados no meio científico, e o momento em que estas passaram a contar com um estudo mais sistematizado e munido por teorias consagradas, em especial na Europa e nos Estados Unidos. Podemos identificar como o momento que se caracteriza como uma espécie de divisor de águas o século XIX (vale destacar que este momento é um marco para as pesquisas arqueológicas como um todo). Nesse período anterior ao século XIX, era bastante comum que estrangeiros fizessem uma série de coletas de materiais e os enviassem para desenvolver estudos fora do Brasil.

As pesquisas arqueológicas no Brasil, já em caráter científico, têm seus primórdios durante o período imperial. Vamos tomar como ponto de partida a fundação do Museu Nacional (que era chamado no período monárquico de Museu Real). Vale aqui destacar a triste lembrança que durante a realização desta pesquisa, mesmo não tratando com fontes disponibilizadas pela instituição em questão, ocorreu o incêndio do Museu Nacional. Fato que gerou prejuízos incalculáveis para os estudos desenvolvidos nas mais diversas áreas do conhecimento¹¹. Ainda mais, o mesmo tinha uma sessão exclusivamente voltada para a Arqueologia. O Museu (vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro) fora criado, de acordo com Pedro Paulo Funari, para rivalizar com museus europeus famosos como o Britânico e do Louvre. Além desta instituição, temos outras duas que são de fundamental importância para os estudos na área da Arqueologia em nosso país: o Museu do Ipiranga (vinculado a Universidade de São Paulo) e o Museu Emílio Goeldi (vinculado ao Ministério de Ciência e Tecnologia).

“O grande interesse de D. Pedro II pela antropologia contribuiu para a implantação das primeiras entidades oficiais destinadas a ter um papel relevante na arqueologia brasileira. O monarca enriqueceu o **Museu Nacional**, onde estão depositadas coleções de material europeu e africano de algumas das primeiras escavações pré-históricas realizadas no mundo (como a de Gorges d'Enfer). Logo depois da queda do Império, o **Museu Paulista** tornou-se o grande rival do Museu Nacional, enquanto Emílio Goeldi reorganizava **Museu Paraense**, de Belém, do qual dependeria mais tarde a arqueologia amazônica”.¹² (grifos meus) (PROUS, 1991, p.).

¹¹ O incêndio que consumiu quase que a totalidade do acervo do museu, ocorreu no dia 2 de setembro de 2018.

Mesmo se tratando de instituições fundadas no Brasil, no final do Império e no início do período republicano, vale a pena ressaltar que os mesmos eram influenciados por teorias e métodos que foram elaborados fora do território nacional. O grande objetivo do império brasileiro neste determinado momento é fazer da arqueologia um importante instrumento para que se buscasse ligações entre um passado mediterrânico (com grandes destaques para os estudos arqueológicos que se ocupavam da Grécia, Roma e Egito) com o Brasil. De acordo com Pedro Paulo Funari, isso explicava a importância dada pelo império para os estudos nessa área. Ainda utilizando o pensamento do renomado Funari, observaremos que o período da chamada Primeira República (1889 – 1930) houve uma espécie de declínio dos estudos na área da arqueologia. No entanto nos chamados anos 1930 eles retornaram com grande força e com objetivos bem alinhados aos objetivos do estado varguista. (FUNARI, 2013)

O Brasil na década de 1930 viu se estabelecer uma forma de governo que tinha como suas principais características o autoritarismo e o nacionalismo. Esta nova realidade irá atingir em cheio as pesquisas arqueológicas das mais variadas formas. Observaremos, por exemplo, o estabelecimento do que podemos chamar de políticas preservacionistas, com grande destaque para a fundação do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), no ano de 1936¹³. Este momento será de grandes valorizações o que podemos chamar de patrimônio histórico. No entanto, devido esta institucionalização, será o Estado que assumirá o papel de definidor do que será admitido como patrimônio. Isto estará intimamente ligado com um projeto de estado que visava buscar as origens do Brasil, definir aquilo que seria encarado, e caracterizado, como um ideal para a construção da nação. O que muitos de nós historiadores, identifica como nosso passado colonial, será eleito como o período que encontraremos tais raízes interessantes para esse projeto nacionalista. (FUNARI, 2013)

Nesse contexto, temos uma atuação emblemática de Paulo Duarte, que em muito contribuiu para que a própria produção do conhecimento científico em nosso país atingisse um patamar mais elevado, assim como da própria

¹³Este órgão posteriormente receberá a denominação de IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Esta nomenclatura é conservada até os dias de hoje.

Arqueologia nesse campo. A atuação política de Paulo Duarte remonta ao período da Primeira República, sem dúvidas, um de seus grandes feitos foi a intensa colaboração para que fosse fundada a primeira universidade em território nacional, a Universidade de São Paulo (USP), no ano de 1934. Os contatos de Paulo Duarte com o diretor do Museu do Homem de Paris, Paul Rivet, foram de fundamental importância para que fossem estabelecidas as bases à fundação da Comissão de Pré-História, no ano de 1953, na Universidade de São Paulo, que mais tarde será transformado em Instituto de Pré-História. No ano de 1961, foi aprovada no Congresso Nacional, devido grande esforço implementado Por Paulo Duarte, a primeira lei que regulamentava a proteção do patrimônio histórico. Ainda em nossos dias, este se configura como um dos principais dispositivos legais de proteção do patrimônio:

LEI No 3.924, DE 26 DE JULHO DE 1961.

Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, faço saber que o CONGRESSO NACIONAL decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art 1º Os monumentos arqueológicos ou pré-históricos de qualquer natureza existentes no território nacional e todos os elementos que nêles se encontram ficam sob a guarda e proteção do Poder Público, de acôrdo com o que estabelece o art. 175 da Constituição Federal.

Parágrafo único. A propriedade da superfície, regida pelo direito comum, não inclui a das jazidas arqueológicas ou pré-históricas, nem a dos objetos nelas incorporados na forma do art. 152 da mesma Constituição.

Art 2º Consideram-se monumentos arqueológicos ou pré-históricos:

a) as jazidas de qualquer natureza, origem ou finalidade, que representem testemunhos de cultura dos paleoameríndios do Brasil, tais como sambaquis, montes artificiais ou tesos, poços sepulcrais, jazigos, aterrados, estearias e quaisquer outras não especificadas aqui, mas de significado idêntico a juízo da autoridade competente.

b) os sítios nos quais se encontram vestígios positivos de ocupação pelos paleoameríndios tais como grutas, lapas e abrigos sob rocha;

c) os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento, "estações" e "cerâmios", nos quais se encontram vestígios humanos de interesse arqueológico ou paleoetnográfico;

d) as **inscrições rupestres** ou locais como sulcos de polimentos de utensílios e outros vestígios de atividade de paleoameríndios.¹⁴ (grifo meu) (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3924.htm acesso em 18 de janeiro de 2019)

No que tange aos estudos do que identificamos nessa pesquisa como pintura rupestre, a atuação de Paulo Duarte também merece destaque, foram trazidos para o país arqueólogos profissionais que entendiam, e assim desenvolviam suas teorias, de que elas eram a evidência da cultura humana. As pinturas seriam as provas de que “todos os seres humanos são capazes de representar o mundo com símbolos”¹⁵, e a partir desses estabelecer uma espécie de comunicação.

O estabelecimento de um novo governo, após um golpe militar no ano de 1964, fez com que a Arqueologia sofresse algumas mudanças. As pesquisas universitárias nessa área serão atingidas e sofreram uma série de restrições. Nesse momento, as pesquisas nas áreas das ciências humanas sofrerão com reduções consideráveis de investimentos devido as mesmas serem identificadas, pelo regime político vigente, como detentoras e propagadoras de ideologias perniciosas à manutenção do regime. Aproveito a oportunidade para registrar que atualmente, em nosso país, entramos em um momento histórico no qual são claras, ao meu ver, as semelhanças no que tange aos ataques às ciências humanas e seus pressupostos teóricos. Os grupos políticos que ascenderam ao poder no ano de 2019 têm deferido ataques constantes contra as ciências humanas que estão presentes nos mais variados níveis do ensino. Ocorrerá, a partir de 1964, o estabelecimento de uma arqueologia que estaria sendo delineada por parâmetros teóricos-metodológicos determinado por um projeto norte-americano. Observemos o que Funari fala sobre o PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas), seus métodos e suas teorias:

Estes primeiros arqueólogos acadêmicos formados no Brasil foram logo acompanhados por uma nova leva, resultado da incursão, pós-golpe militar de 1964, de **Betty Meggers** e **Clifford Evans** e a constituição de um **programa nacional de pesquisas arqueológicas (PRONAPA)**. Não seria o caso, nesta ocasião, de retomar as discussões sobre o imbricamento do esquema pronapiano com o regime de força (cf. Funari 1995; Funari 1998), mas de **ressaltar o tipo de formação arqueológica que estava sendo introduzido no país**. Os clássicos da literatura arqueológica norte-americana não eram conhecidos, assim como os desenvolvimentos mais recentes. Walter W. Taylor (1948: 44) e sua **busca da autonomia da Arqueologia havia sido ignorado**, como tinha sido o apelo, então recente, de Binford (1962), em direção a uma Arqueologia processual. **Prevalencia, na formação desses arqueólogos**, a constatação devastadora de Binford (1984: 15) de que o **“arqueólogo de campo escavador fica a**

¹⁵http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252013000200010

discutir o teor alcoólico da pinga nos bares das redondezas” (cf. Funari 1987), o que foi interpretado pelos seus epígonos como treinamento orgânico, fomentador de centros de pesquisa, um período de ouro da Arqueologia nacional (e.g. Schmitz 1989: 47; Dias 1995: 35; Lima 1998: 25). A formação intelectual propugnada pela equipe de Meggers não bebia do imenso manancial americano, que poderia ter aberto os horizontes daqueles que seriam considerados, às expensas dos arqueólogos formados pelos franceses, os fundadores da Arqueologia universitária nacional. **Os resultados dessa formação foram muitos, da falta de autocritica** (Prous 1994:11) **à despreocupação com publicações** (Neves 1998: 628), da ausência de *corpora* (cf. Wheeler 1956: 211) **à execução de levantamentos oportunisticos e escavações injustificadas, sem planejamento** (Neves 1988: 204).¹⁶(grifos meus) FUNARI, 2000, p.117).

Nos seus cinco anos de funcionamento, o PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas), realizou uma série de escavações arqueológicas no Brasil estabelecendo uma forte ligação entre o Museu Paraense Emílio Goeldi, Betty Meggers e o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). O grande objetivo a ser atingido era o de estabelecer uma linha de pensamento generalizante da pré-história brasileira. Chamamos atenção para o fato de o programa do governo não ter sido abraçado pelo Museu Nacional, Museu Paulista e nem mesmo o Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo. Estava configurada a oposição desses grupos, que eram amplamente influenciados pelas ideias de Paulo Duarte, com os moldes e abordagens que eram propostas, e executadas pelo grupo de Meggers.

Devido uma série de demonstrações de suas insatisfações com as políticas governamentais dos militares, em especial com as medidas tomadas que ocasionaram prejuízos incalculáveis para a pesquisa arqueológica, Paulo Duarte foi perseguido e cassado.

A chegada dos anos de 1980 traz consigo momentos menos tensos, se comparados com as duas décadas anteriores, no que diz respeito aos estudos na área da Arqueologia. Nesse contexto de menor rigidez foi criada a Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB)¹⁷, que ao meu ver já ganha em importância por sua própria denominação. Já não era tarde que se criasse uma instituição que se configuraria como sendo de cunho brasileiro, fazendo uma comparação com

¹⁷A Sociedade de Arqueologia Brasileira foi criada durante o Seminário Goiano de Arqueologia, em 1980. A primeira reunião científica foi realizada em 1981, no Rio de Janeiro. Desde então, os congressos da SAB são realizados, ininterruptamente, nos anos ímpares. Estas informações foram encontradas na página da sociedade na Internet.

o período anterior, marcado por uma atitude do estado nacional em supervalorizar as produções de arqueólogos do exterior, mesmo que essas fossem dotadas de métodos acríticos.

2.3 – O LUGAR DAS PINTURAS RUPESTRES NOS ESTUDOS EM ARQUEOLOGIA.

Nesta pesquisa vamos trabalhar com um conceito de pintura rupestre elaborada por André Prous:

todas as inscrições, pinturas ou gravuras deixadas pelos humanos em suportes fixos de pedra, ou seja, em rochas. O termo rupestre vem do latim *rupes-is*, que significa rochedo. **Elas são obras imobiliárias, não podendo ser removidas do local onde foram feitas**¹⁸. (grifo meu) (PROUS, 1991, p. 192).

O conceito proposto pelo consagrado arqueólogo André Prous é muito bem estruturado para que em poucas palavras haja um satisfatório entendimento do que vem a ser a pintura rupestre. Ele ressalta um aspecto que muito serviu de inspiração para a proposta pensada nessa pesquisa. Quando falamos anteriormente sobre o percurso do desenvolvimento da pesquisa arqueológica, desde o século XIX em especial, ressaltamos a ligação direta que havia, e que ainda é muito forte, entre vestígios arqueológicos e os museus. Inclusive foi destacada nessa contextualização a atuação de Paulo Duarte relacionado à fundação de museus europeus (destaque para a influência de Paul Rivet).

Ao tocar no assunto pintura rupestre, observamos quase que numa unanimidade, a ligação direta com as pinturas que foram encontradas no Piauí. Nesse estado se encontra, sem dúvida nenhuma, as expressões desse tipo de pintura mais divulgadas no âmbito nacional e internacional. Os estudos da Missão Francesa, direcionados por Niède Guidon, no nordeste brasileiro, chamou a atenção do mundo da arqueologia, para a Serra da Capivara. Vale à pena destacar que a Missão Francesa se encaminhou para o nordeste brasileiro no intuito de pesquisar sobre a pintura rupestre, no entanto, o que mais chama a atenção para a comunidade dos arqueólogos são os resultados de datação de

alguns vestígios de fogueiras. Há uma forte discussão se esses achados são resultados ou não da ação humana na região. Os questionamentos propostos por Guidon, se fossem aceitos de forma generalizada entre os arqueólogos, colocariam sérias dúvidas sobre a visão mais aceita de chegada do *Homo Sapiens Sapiens* no continente americano nos últimos milhares de anos, evidenciadas no sítio arqueológico de Clóvis da América do Norte e datada de dez mil anos anteriores ao presente¹⁹.

Não há como deixar de falar, dentro desta linha de pensamento, mesmo que esse estudo não se refira especificamente à pintura rupestre, sobre os estudos desenvolvidos pelo renomado biólogo Walter Neves. Este estudioso revela, com base em achados de vestígios humanos (com idades que chegam a mais ou menos nove mil anos, anteriores a 1950), a existência de humanos com características negroides (termo recorrente nos estudos arqueológicos, em especial de Pedro Paulo Funari) que teria sido substituída pela chegada dos povos que vieram pelo Estreito de Bering, nesse contexto tivemos a revelação de nossa famosa Luzia, a nossa Lucy. (FUNARI, 2015)

Os estudos sobre a pintura rupestre no Brasil são evidenciados nos manuais didáticos escolares. As mais variadas secretarias de educação nas unidades federativas no Brasil, especificamente através do PNLD, disponibilizam obras para os estudantes que trazem algumas referências sobre este tipo de pintura. Pedro Paulo Funari assim caracteriza o conhecimento de muitos sobre as pinturas rupestres, que sempre fazem referência aos registros da chamada Serra da Capivara (Piauí):

“Hoje em dia, meras três décadas passadas, todos os livros escolares brasileiros se referem a esse sítio muito antigo, a Serra da Capivara. **Não é apenas o tema arqueológico mais popular, mas o único bem conhecido** por todas as crianças e muitos adultos.²⁰(grifos meus) FUNARI, 2000, p.47).

Evidente que há aqui uma forte generalização por parte de Funari, não nos esqueçamos que este era o espaço de um artigo e que por questões editoriais tem que ser reduzidos.

¹⁹ Vale a pena ressaltar que estas datações são consideradas anteriores ao ano de 1950. Nesse caso seriam a mais ou menos dez mil anos anteriores a 1950.

É justamente neste ponto que se evidencia uma forte inquietação em minha prática docente, em especial por trabalhar em uma escola situada na região amazônica. Quando se fala em pinturas rupestres no Brasil, o que fora evidenciado nas palavras de Funari acabam, de fato, se tornando praticamente uma “regra”. Esta situação é evidenciada nos mais variados meios de difusão de informações (televisão, sites, blogs, manuais didáticos). A região amazônica, na maioria dos manuais didáticos, surge como uma espécie de “região de extrativismos”: drogas-do-sertão, a goma elástica ou mineração. Esta situação deixa uma forte impressão aos estudantes que que esta região passou “ter história” a partir da chegada dos europeus.

Não há aqui a intenção, de forma alguma, de se negar as mais variadas influências que colaboram para que os estudantes formulem determinadas ideias sobre o conhecimento histórico. Mas quando falamos na realidade das escolas públicas, especificamente no que diz respeito a escola em que foi executada a pesquisa, observamos uma forte utilização dos manuais didáticos disponibilizados pela Secretaria de Educação do estado do Pará (deixando muito claro que isso não significa dizer que todos os estudantes tem acesso aos manuais didáticos desde o início do ano letivo). Sendo assim, podemos relembrar de forma muito oportuna o pensamento de Rüsen²¹, que defende a ideia de que os livros didáticos se configuram como a ferramenta mais importante no ensino de história, uma vez que o mesmo atua de forma incisiva sobre a construção do sentido de orientação no tempo. O livro didático, no que diz respeito à realidade a qual esse estudo está inserido, se configura, de forma muito clara, como a principal fonte de informações que os estudantes tem contato, no que diz respeito à disciplina história. Ele colabora de forma marcante na construção da identidade desses estudantes.

Não podemos esquecer que muitos pais, responsáveis, docentes, seja no espaço das escolas públicas ou no setor privado, percebem os manuais didáticos como uma espécie de “fontes da verdadeira história”. Estes livros carregam, para grande parte da sociedade, especialmente do ensino fundamental, o que realmente aconteceu. Quem em sala de aula nunca foi questionado por pais e estudantes com os livros didáticos nas mãos? Lidar com a ideia de existem

outras visões de outros historiadores sobre o mesmo acontecimento é algo que muitos indivíduos, dentro e fora do espaço escolar, tem grandes dificuldades de compreender. Muito oportunas são as palavras de Luís Reznik salientando que:

“O livro didático no Brasil, ainda não se livrou da sina de ser o **guardião da memória nacional**, mesmo com toda a profusão de textos, escritos e visuais, de divulgação histórica através da mídia. Sempre se pretendeu o **repositório de uma narrativa**, que deve ser sistemática, acerca dos feitos do ‘nosso povo’, ‘nossa terra, ‘nossa gente’; isto é, atribui-se a tarefa de ser um dos principais lugares da memória sobre o passado brasileiro, **formador da identidade nacional** dos pequenos seres que serão cidadãos brasileiros.²²(grifos meus) (REZNIK,. In: FICO, 2004, p. 340).

Essa característica dos manuais didáticos de “guardião da memória nacional” são problemáticas devido a eleição de fatos históricos que geralmente estão ligados a certas regiões do Brasil, especialmente os processos históricos forjados no Centro-Sul. Mesmo não sendo o objetivo desta pesquisa, podemos citar os esforços reservados aos capítulos referentes as chamadas “Rebeliões Regenciais”, dando grande ênfase na “Guerra dos Farrapos” (ocorrida nos estados do Sul do Brasil) em detrimento da Cabanagem.

Quando a região amazônica surge nos manuais didáticos, na maioria das vezes são destacados acontecimentos ligados a questões econômicas, principalmente os temas relacionados com a economia da borracha (final do século XIX e início do século XX), e os famosos “grandes projetos” (UHE de Tucuruí, Projeto Grande Carajás, Projeto Jari, entre outros), durante o período da Ditadura Militar no Brasil (1964 – 1985). Mesmo surgindo de formas bem pontuais e em várias ocasiões trazendo informações bastante desconhecidas no que tange à região amazônica, eis que a mesma pelo menos “surge”. Mas vale destacar que percebe-se um espaço, mesmo que restrito, para um período que conhecemos tradicionalmente como “histórico”. Naquilo que se convencionou chamar de início dos tempos históricos, temos como marco inicial o surgimento da escrita na região da Mesopotâmia por uma destreza dos Sumérios (em aproximadamente 4000 a.C.). Quando se trata de História da Amazônia, temos como marco inicial dos chamados “tempos históricos”, o início da ocupação portuguesa na Amazônia, tendo como ponto de partida a fundação

22.

da cidade de Belém, capital do Estado do Pará (sendo oficializada o dia 12 de janeiro de 1616).

No mesmo período em que estava sendo desenvolvida esta pesquisa, tive a oportunidade de participar de uma proveitosa “aula de campo” com os estudantes de graduação do curso de História, da Universidade Federal do Pará – Campus Ananindeua, promovida pelo Dr. Wesley Kettle. O ponto escolhido pelo professor foi justamente a famosa Rua Siqueira Mendes, a primeira rua aberta pelos portugueses em Belém. A aula se iniciou com um questionamento: “Porquê se convencionou falar que aqui começou a Amazônia e a sua história?” Este questionamento, a participação naquele momento, as falas dos estudantes, mesmo que todos esses aspectos não sejam objetos desse estudo, foram importantes para que essa pesquisa tomasse ainda mais força. E é justamente essa parte da História da Amazônia que surge com muito mais força, aquela que se situa no tempo posterior a ocupação lusitana.

A Revista Nossa História, em agosto de 2005 (Ano 2, Número 22), abordou como principal tema a “Pré-história do Brasil”. Nesta edição temos inclusive uma entrevista com mais famosa arqueóloga em atividade no Brasil,



Niède Guidon. A capa evidencia duas informações que estão ligadas com a região amazônica: uma estátua de figura humana, que faz parte do Acervo do

Figura 5. Arquivo pessoal

Museu Emílio Goeldi e a menção de um artigo que tem como tema a região amazônica, presente na revista, com a chamada “Borracha: riqueza e decadência na Amazônia”. Mais uma vez a região amazônica surge com a sua famosa economia da borracha. O que mais me chama a atenção, e que, não posso deixar de citar, me dá ainda mais força para querer levar adiante este trabalho, é o fato de a revista trazer autores renomados no que diz respeito a assuntos referente a Pré-história do Brasil, e não há uma referência sequer a estudos desenvolvidos na Amazônia sobre a pintura rupestre. Afinal, há um artigo dedicado para essa temática pela renomada Anne-Marie Pessis com o belo título “A arte de ser humano” (PESSIS, 2005, p.67).

Observando, a partir deste momento, o caso do livro didático utilizado na Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Professor Waldemar Ribeiro, foram identificadas referências à pintura rupestre nas páginas 47, 69, 70 e 77


Navegue neste site

Fundação Museu do Homem Americano (Fundham)

A Fundham foi criada em 1986 no município de São Raimundo Nonato, no Piauí. A instituição é responsável por conservar e proteger o patrimônio arqueológico local e incentivar a pesquisa na região.

Faça uma visita virtual pelo site da Fundham e descubra um pouco mais sobre a Fundação. Aproveite e conheça algumas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara disponíveis no site.


1. Acesse o site www.fundham.org.br
2. Ao clicar no link Parque Nacional Serra da Capivara, localizado na página principal, em Patrimônio Cultural e, depois, em Registros Rupestres, você verá imagens de pinturas e gravuras rupestres existentes no parque.
3. Reúna-se com um colega e escolham uma pintura ou gravura que mais agradou a dupla. Façam, no caderno, uma descrição detalhada do que vocês observaram nessa imagem. Expliquem a tradição à qual ela pertence e quais são as suas características.
4. Em seguida mostrem a imagem para os colegas e apresentem o texto que vocês fizeram sobre ela.



Visitantes observam pinturas rupestres no Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, 2010.

70

7. Atividade em dupla. A música e a dança são duas das linguagens mais universais utilizadas pelo ser humano. Qualquer pessoa pode apreciar a música, mesmo desconhecendo o ritmo ou o idioma de suas letras. Até mesmo os surdos são capazes de sentir a música por meio da vibração. Desde tempos pré-históricos, o homem tem produzido música e improvisado movimentos ritmados e cadenciados com o corpo. Hoje em dia, não podemos ouvir os sons nem ver os gestos dos nossos ancestrais, mas, felizmente, o trabalho da arqueologia nos oferece algumas pistas sobre eles.



77



Pintura rupestre na gruta de Lascaux, França, datada de aproximadamente 17000 a.C.

- a) Que tipo de fonte histórica a foto nos mostra?
- b) O que a cena mostrada nessa pintura representa?
- c) Que cores predominam na imagem? Como vocês imaginam que os artistas obtinham essas cores?
- d) No texto acima, o que o autor quis dizer com a frase: “Imagens como algo poderoso para ser usado e não como algo bonito para contemplar”?
- e) Com base na imagem e no texto de Gombrich, respondam: qual seria a finalidade do(s) artista(s) pré-histórico(s) ao pintar essas figuras?

47

Explore

Por que as descobertas feitas nesses sítios arqueológicos levaram os estudiosos a reabitar a teoria da migração única pelo Estreito de Bering?



Pinturas rupestres no sítio arqueológico Cueva de las Manos, datadas entre 9.500 e 13.000 anos, na Patagônia, Argentina. Para você, qual seria o significado dessas mãos pintadas na caverna?

69

Figura 6. Livro de Patrícia Braick - Pag. 47, 69, 70 e 77

Não há dúvidas de que as palavras de Pedro Paulo Funari, no que diz respeito à utilização das pinturas rupestres encontradas no atual estado do Piauí, encontram a mais perfeita confirmação, especificamente no que diz respeito ao espaço brasileiro. Mesmo o livro evidenciando outras pinturas rupestres e de outros lugares, dentro e fora do Brasil, dificilmente encontramos referências para os registros característicos do período pré-histórico que estão localizados na bacia amazônica.

Há aqui a pretensão de fazer com que os estudantes entrem em contato visual, através de material impresso, com as pinturas rupestres que foram encontradas na região amazônica (em especial as que foram objeto de estudo da arqueóloga Edithe Pereira²³, que se encontram na região de Monte Alegre – PA). Quando se fala deste largo período anterior ao que se convencionou chamar de Pré-História, existe no Brasil uma tradição, extremamente marcantes nos manuais didáticos, que acabou por promover uma forte valorização de pinturas rupestres de determinadas áreas da Europa e do Nordeste brasileiro.

O pouco contato dos estudantes com a chamada pintura rupestre, seja da região amazônica ou não, colabora para que não haja grandes interesses sobre a pré-história. O contato com as fontes históricas são extremamente interessantes, e necessárias, para que o conceito de fonte se materialize nos estudantes. Será proposta desta pesquisa um contato intenso com este tipo de pintura, não apenas pela visualização, mas também pela execução de uma oficina de pintura rupestre. As noções que os estudantes têm sobre pintura rupestre, sobre os seres humanos que viveram na pré-história e sobre o mesmo período, serão explorados nos próximos capítulos.

2.4 – A ARQUEOLOGIA E A PINTURA RUPESTRE NA AMAZÔNIA.

No que tange a pesquisas arqueológicas na região amazônica, a obra da famosa arqueóloga do Museu Paraense Emílio Goeldi, Edithe Pereira, discorre da seguinte forma sobre a negligência com as manifestações rupestres da região amazônica, a:

No Brasil, **essa forma de expressão cultural dos povos pré-históricos existe de Norte a Sul.** No entanto, as pesquisas

arqueológicas que dedicaram atenção a essas figuras rupestres concentraram-se nas regiões Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste do país. **Na Amazônia**, as pinturas e gravuras rupestres, conhecidas há séculos, foram objeto **mais de curiosidade do que de estudos**. Sua existência na região, apesar de ser um fato, não foi considerada no registro arqueológico das pesquisas desenvolvidas na região a partir da década de 1950. A explicação para essa omissão pode ser encontrada na **base teórica** das pesquisas realizadas nesse período. Assentadas em dois postulados básicos, **o determinismo ambiental e o difusionismo**, as pesquisas arqueológicas desenvolvidas na Amazônia, por quase quatro décadas, tiveram seus interesses **voltados, principalmente, para a procura e análise de vestígios cerâmicos**. (PEREIRA, 2003, p. 13).

Os estudos sobre a pintura rupestre na Amazônia, de acordo com a arqueóloga Edithe Pereira, não são tão numerosos. Isso não significa dizer que são poucos os sítios arqueológicos que contem essas representações visuais parietais. O Pará está entre as unidades da federação, que se encontra na região norte, que registrou até o ano de 2012, cerca de 100 sítios com registros rupestres. Vale destacar que a maior parte desses achados se dá próximo de rios da região. Quanto mais nos afastamos das regiões de várzea, mas são raros os registros de pinturas rupestres.

Assim como ocorreu nos estudos sobre os registros rupestres na região nordeste, com a identificação do que os arqueólogos chamam de “tradição”, na região amazônica foi identificado também uma “tradição” (denominada de “Amazônia”, uma forma clara de se posicionar politicamente em estudos que há muito valorizam os registros parietais do Nordeste). Nesta “tradição Amazônia” observamos grande destaque para as figuras humanas com fortes elementos faciais. A data mais aceita entre as arqueólogas mais expressivas (Anna Roosevelt e Edithe Pereira) é que esses registros foram feitos há cerca de 11.200 anos, sendo assim, figura entre os registros rupestres mais antigos do Brasil.

Pereira defende que a região amazônica tem um extenso potencial para que sejam realizados estudos sobre os registros rupestres, devido uma enorme variedade de estilos e temas existentes. No entanto a arqueóloga chama a atenção para a necessidade de se executar as análises destes vestígios arqueológicos de forma integrada com outros registros. Durante muito tempo os estudos sobre pinturas rupestres no Brasil foram executados de forma isolada (preocupado especificamente com a identificação de estilos.

Os estudos de Edithe Pereira sobre pintura rupestre foram desenvolvidos mais especificamente no município de Monte Alegre, no estado do Pará. Observem no mapa:



([https://pt.wikipedia.org/wiki/Monte_Alegre_\(Par%C3%A1\)#/media/Ficheiro:Para_Municip_MonteAlegre.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Monte_Alegre_(Par%C3%A1)#/media/Ficheiro:Para_Municip_MonteAlegre.svg))

O município de Monte Alegre está situado na região do Baixo Amazonas (como destacado no mapa acima), no estado do Pará, e sua sede constitui um dos mais antigos assentamentos populacionais da Amazônia. Não se sabe a data certa da fundação do núcleo que deu origem à atual sede municipal, mas sua origem está relacionada à aldeia Gurupatuba, posteriormente constituída freguesia de São Francisco de Assis.

Em 1758, a freguesia foi elevada à categoria de vila, por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, passando a chamar-se Monte Alegre, nome que faz referência à topografia acidentada da região, mas também reflete a prática dos colonizadores em atribuir às cidades amazônicas o mesmo nome de cidades portuguesas. Em 1880, Monte Alegre passa à condição de cidade e sede municipal(...)

A cidade de Monte Alegre, sede do município, está localizada às margens do rio Gurupatuba, distante cerca de 623 km em linha reta de Belém, capital do Pará (PEREIRA, 2003, p. 13).

É importante destacar que as informações sobre a existência destas pinturas rupestres não são novas, acredita-se, de acordo com os estudos de Pereira, que os jesuítas já tinham o conhecimento desses registros que confirmam a presença humana na região há alguns milhares de anos. O achado de anotações próximos de registros rupestres, com o ano de 1764 e as iniciais I.H.S. (símbolo da Companhia de Jesus), ajudam a confirmar esse conhecimento

por parte desses religiosos. Em meados do século XIX, o naturalista inglês Alfred Wallace, chegou a Monte Alegre com o intuito de conhecer melhor esses registros. A divulgação dos dados colhidos por Wallace fizeram com que as informações sobre as pinturas rupestres da região de Monte Alegre começassem a ser cada vez mais conhecidas, isso ainda mesmo no século XIX. O primeiro trabalho divulgado no Brasil com informações sobre estes registros pré-históricos datam do ano de 1895. Tratava-se da obra “Inscrições em Rochedos do Brasil”, do geólogo canadense Charles Hartt.

Durante o chamado século XX, observamos mais dois momentos marcantes, antes dos estudos de Pereira na década de 1990, temos as observações realizadas em 1924 (Curt Nimuendaju), 1954/1955 (Manfred Rauschert) e 1986 (Mario Consens). Não há dúvidas de que são extremamente importantes as contribuições desses trabalhos para que se possa estabelecer qualquer estudo referente a este tipo de registro da presença humana. Nesse trabalho vamos nos concentrar na pesquisa de Edithe Pereira, que se tornou a grande referência dos estudos relacionados aos registros rupestres da região amazônica.

CAPÍTULO 2 – O lugar da pintura rupestre e do período pré-histórico na forma de pensar dos estudantes do sexto ano do ensino fundamental.

Neste capítulo vamos observar de que forma os estudantes, que estão no sexto ano, percebem aspectos importantes no que tangem ao estudo da chamada pintura rupestre (sendo pensada como uma peça fundamental para que os estudantes desenvolvam um novo olhar sobre o período anterior ao surgimento da escrita) e ao que temos caracterizado, ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, como período pré-histórico (momento anterior à chegada dos povos europeus, em especial dos portugueses, no que reconhecemos, hoje, como Brasil). Faremos inicialmente uma breve análise de situações referentes ao contexto que grande parte desses estudantes vivenciaram no ano anterior à pesquisa, o momento em que eles estavam matriculados no quinto ano do ensino fundamental. Esta análise será de grande importância, uma vez que dados colhidos na aplicação do primeiro questionário nos revelam uma série de informações desses estudantes acerca da pintura rupestre e do período anterior ao contato com os portugueses.

Depois vamos nos debruçar nas análises das respostas que serão dadas nos dois questionários, que foram aplicados no decorrer desta pesquisa. Em meio a aplicação destes dois questionários, ocorreu a produção de pinturas rupestres por parte dos estudantes das quatro turmas do sexto ano do ensino fundamental que estão envolvidas no desenvolver desta dissertação, que serão demonstradas no próximo capítulo.

2.1 – E como foi o quinto ano?

A pesquisa desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Waldemar Ribeiro, contou com a participação de todas as quatro turmas do sexto ano do ensino fundamental²⁴: F6M901 (a única turma de sexto ano do turno da manhã), F6T901, F6T902 e F6T903 (as três turmas de sexto

²⁴ Vale destacar que a pesquisa tinha sido pensada inicialmente com uma única turma de sexto ano da Escola Professor Waldemar Ribeiro, uma vez que minha lotação era apenas com esta turma de sexto ano. Ocorreram modificações na lotação de 2018 e me tornei professor da disciplina História em todas as turmas da escola, num total de quatro. Desde o primeiro dia de aula fui procurado pelos estudantes para que eles participassem da pesquisa.

ano da tarde). Vale ressaltar que mais adiante serão evidenciadas as características de cada uma dessas turmas.

Nesse momento creio ser extremamente oportuno, e de grande valia para as análises que foram propostas e executadas ao longo dessa pesquisa, discorrer sobre algumas características das turmas de quinto ano das chamadas séries iniciais do ensino fundamental, que estavam em funcionamento na Escola Estadual de Ensino e Fundamental Professor Waldemar Ribeiro²⁵ (levando em consideração o ciclo de nove anos do ensino fundamental). Mas por que explicitar algo sobre as turmas de quinto ano, uma vez que estas turmas não se configuram como objetos dessa pesquisa? A busca por informações referentes aos quintos anos nos ajuda a entender algumas respostas que foram dadas na aplicação do primeiro questionário. Não podemos esquecer que as respostas que serão explicitadas no primeiro questionário nos dão pistas sobre a forma que esses estudantes pensam alguns aspectos centrais desta pesquisa: ideias sobre o período, sobre as pinturas rupestres e sobre os seres humanos que fizeram essas pinturas.

As professoras responsáveis por estas turmas são encarregadas de trabalhar os conteúdos dos seguintes componentes curriculares: Português, Matemática, História, Geografia, Ciências²⁶. Nenhuma das profissionais que estão com suas lotações nessas turmas tem a formação específica na área de História (seja no nível de graduação ou pós-graduação), fato que colabora para que os manuais didáticos, que são fornecidos pela Secretária Estadual de Educação do Estado do Pará, acabem se configurando como a obra de referência. Ana Maria Monteiro, em sua obra “Professores de História: entre saberes e práticas”, destaca:

“O trabalho de Costa (1997) também tem como objetivo a análise do livro didático e suas formas de utilização pelos professores para o ensino de história. Usando como referencial teórico as proposições de autores que analisam o ensino dessa disciplina, ela acompanhou aulas em turmas de 5^a. e 8^a. séries, em 1996, na cidade de São Paulo, e verificou como **o livro ganha a condição de guia do professor, dirigindo e controlando sua prática pedagógica**(grifo meu) (MONTEIRO, 2007, p. 28).

²⁵ Escola a qual foi feita o presente estudo. Vale ressaltar que mais a frente será executada uma caracterização mais detalhada da mesma.

²⁶ Os componentes curriculares Educação Física e Artes são trabalhadas por profissionais com formação específica nessas áreas.

Apesar da referência remeter a um outro tempo-espço (cidade de São Paulo no final do século XX, mais especificamente em 1996), observamos características bastante aproximadas no que diz respeito à realidade das séries iniciais da Escola Waldemar Ribeiro. Vamos, a partir deste momento, restringir nossas análises para as turmas de quinto ano, que no caso estão em número de duas.

Não que as outras turmas também não sejam importantes para que tenhamos uma visão mais abrangente desta unidade de ensino, mas por questão de delimitações necessárias ao desenvolvimento do trabalho científico, vamos nos ater aos quintos anos que estavam em funcionamento no ano letivo de 2017.

Essas duas turmas (F5M901 e F5M902) eram regidas pela professora Ana Cristina Martins da Silva²⁷, tanto no turno da manhã como no da tarde. As duas classes eram compostas por trinta estudantes no turno da manhã e trinta estudantes no turno da tarde. A faixa etária dos discentes variava entre nove e onze anos. A professora Ana Cristina, que se aposentou no final do ano letivo de 2017, mas nunca deixa de frequentar o espaço da escola, continua sendo muito querida entre os estudantes e os colegas de profissão. A docente concedeu algumas informações de grande importância no que diz respeito ao seu trabalho desenvolvido nessas turmas, em especial sobre seu trabalho com a disciplina História. Pedi para que ela me relatasse um pouco de sua prática pedagógica, com ênfase de como a mesma se utilizava do manual didático, e qual o seu conceito sobre a função social da História.

²⁷ A professora Ana Cristina Martins da Silva, com formação em Magistério na escola E.E.F.M. Honorato Filgueiras (1985) e Licenciatura em Matemática pela Universidade do Estado do Pará (2006), é do quadro docente da Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC – PA) desde março de 1985. Sua atuação na EEEF Professor Waldemar Ribeiro se iniciou em maio de 1989 até o encerramento de suas atividades com a aposentadoria em janeiro de 2018.

Estaremos agora diante do planejamento para o ano letivo de 2017 para a disciplina História. Logo em seguida o relato dado pela professora:

PLANEJAMENTO ANUAL 2017

HISTÓRIA

JUSTIFICATIVA: O ensino da história ganha sentido ao propiciar a formação do pensamento histórico, ou seja, a compreensão das relações que os diversos grupos humanos estabelecem entre si por meio das ações dos múltiplos **sujeitos históricos**, embora nem sempre às tais ações, seja atribuído o valor que elas podem ter, mas, a história é isso, é criar a possibilidade de buscar explicações para as ações dos seres no passado e no presente.

OBJETIVO GERAL: o aluno deverá conhecer um pouco mais a importância do trabalho na história dos homens e em todos os tempos. Descobrir também as razões da grande diversidade cultural e étnica brasileira, **estudando os grupos indígenas, os afrodescendentes, os imigrantes e os migrantes**, ou seja, conhecer um pouco da forma de viver de outras pessoas ao longo da história do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: **Pequenos Exploradores- Ensino Fundamental – anos iniciais – História - 5ºano/9**, Fávio Berutti e Adhemar Marques, editora Positivo. Parâmetros Curriculares Nacionais – História. Brasília MEC/SEF, 1997.

Figura 7. Planejamento do quinto ano para a disciplina História, do ano de 2017, da Escola Estadual de Ensino Fundamental “Professor Waldemar Ribeiro”.

“A **história é importante**, como toda e qualquer disciplina, para a **boa formação do aluno**. Todo aluno precisa perceber que **a história faz parte do nosso cotidiano**, nós fazemos história nas nossas relações com as nossas famílias, com a sociedade que nós estamos inseridos, todos nós somos agentes formadores dessa história. A história que eu trabalhava com os meus alunos, que é essa que eu estou te falando, **era baseada no estudo do livro didático**, que a escola recebe para ser utilizado por três anos. Em 2017 eu usei um livro chamado Pequenos Exploradores da Editora Positivo.

A gente precisa fazer o planejamento anual, dividido em quatro bimestres e buscamos enriquecer esse planejamento com os temas que já tem nos livros. Os alunos fazem atividades avaliativas e com base neles elaboramos relatórios de todas as matérias, inclusive a história faz parte desse relatório também. O foco desse livro era a história do trabalho no Brasil, e que falava sobre a história do trabalho das famílias, para a própria sobrevivência, sobre o trabalho das sociedades indígenas, dos afrodescendentes, não podia deixar de falar sobre a escravidão, e sobre o trabalho dos imigrantes, ou seja, era trabalho e cultura dos indígenas, dos afrodescendentes e dos imigrantes. Nós focamos em História do Brasil, pelo fato do aluno ter que fazer a Provinha Brasil, por que há um tempo atrás o foco do estudo era a história do Pará. Onde estudávamos a história de Belém, os movimentos, a Cabanagem. O que não deixa de ser história do Brasil.

Nas **aulas eu sempre utilizava o livro**. Eu acho que **o livro enriquecia as aulas**. Ali, os alunos tinham a oportunidade de ler os textos, refletirem sobre os textos, dar opinião, fazer atividades escritas, contribuir com a opinião dele sobre o assunto em questão. Os alunos também faziam pesquisas fora do livro, pelo menos uma por bimestre que eles apresentavam em sala.” (grifos meus)

As informações aqui prestadas pela professora nos revelam aspectos importantes para se estabelecer uma conexão entre os dados que foram coletados, no momento da pesquisa em que fora feita a aplicação do primeiro questionário, nas turmas de sextos anos em 2018. Destaque para as duas principais questões que colaboram para uma séria de entendimentos dentro da pesquisa aqui desenvolvida:

- 1- **A ideia de importância da disciplina História:** colaborando para a boa formação dos estudantes e destacando, também, os mesmos como sujeitos que constroem a sua própria história.
- 2- **forma de apropriação do manual didático:** a professora destacou o livro didático como um material que trazia informações interessantes para o enriquecimento das aulas e que sua prática pedagógica, no que tange ao ensino de história, estava baseada nele.

Vamos, a partir desse momento, estabelecer algumas ligações entre aspectos presentes na obra do quinto ano do ensino fundamental com as práticas estabelecidas em sala de aula pela professora Ana Cristina da Silva Martins.

Quando estabelecemos uma comparação do planejamento da professora com o que está estabelecido no Guia de livros didáticos, percebemos que a educadora responsável pelas turmas do quinto ano seguiu, de acordo com seu relato e seu planejamento, as orientações propostas pelo material didático. O mesmo se transformou em um guia para a sua prática docente.

Não se tem nessa pesquisa como objetivo estabelecer uma análise mais aprofundada do material didático “Pequenos Exploradores” da Editora Positivo. Assim como não faremos uma diagnose detalhada da prática da docente que buscou colaborar com este trabalho. Mas algo chamou a atenção na pesquisa a partir do momento que fora aplicado o primeiro questionário, que será apresentado mais a frente. Antes disso, chamo a atenção para algumas passagens do material didático da Editora Positivo, destinado ao quinto ano, no que diz respeito a referências feitas aos seres humanos que viveram na época do que, de forma quase que naturalizada nos manuais didáticos, se convencionou chamar de “Pré-História. Vamos dar destaque para as páginas 22 e 23

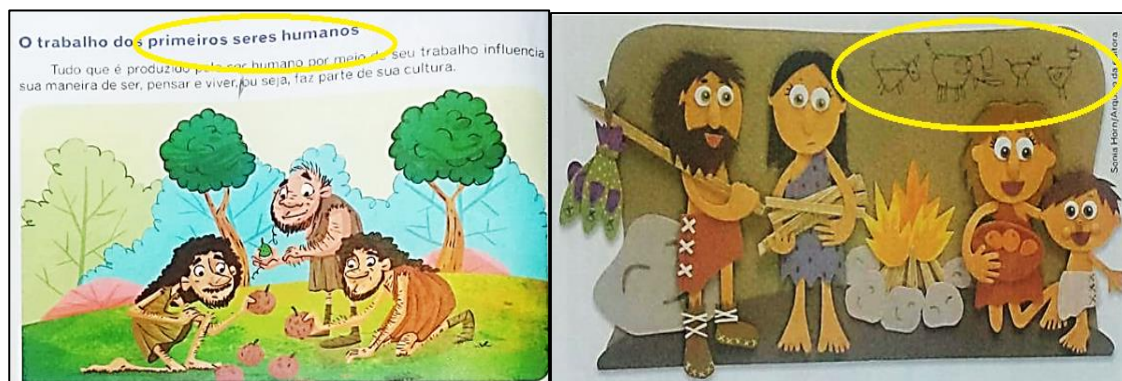


Figura 8. Pequenos Exploradores.²⁸

O manual didático em questão propõe, nas páginas 22 e 23, duas imagens que colaboram para uma caracterização dos chamados “primeiros seres humanos”. Observamos indivíduos que estão em um pequeno número (um grupo formado por três humanos e outro formado por quatro humanos), estabelecendo uma relação direta com a natureza (com uma clara referência ao extrativismo). Vale ressaltar que na imagem da página 23 temos um destaque para pessoas que estão num ambiente que nos reporta a uma caverna e que aparecem desenhos que se aproximam da chamada pintura rupestre. No livro do quinto ano, estas são as únicas referências aos seres humanos que viveram na chamada pré-história. Voltaremos a estas informações para poder reconhecer dados evidenciados na aplicação do primeiro questionário deste estudo.

2.2 – Em busca de uma mudança da consciência histórica.

Dentre as variadas inquietações que tenho na minha vida como professor, uma delas é buscar uma forma de evidenciar para os estudantes a importância de minha disciplina para a vida prática²⁹. No decorrer das disciplinas, em especial em Teoria da História, tive contato com a obra de Jörn Rüsen e seu conceito sobre a consciência histórica. Cabe nesse momento discorrer sobre a questão da intencionalidade da mobilização da consciência histórica. Para Rüsen o indivíduo só poderá agir na sociedade em que está inserido se de alguma forma

²⁸ Ensino Fundamental – anos iniciais – História - 5ºano/9, Flávio Berutti e Adhemar Marques, Editora Positivo. 2014. Curitiba, p. 23-4.

²⁹ Trabalhando como professor de História do ensino básico, desde 1999, sempre fui questionado pelos alunos sobre a serventia da História para a vida deles (inclusive por pais e responsáveis). Isso fez despertar grande interesse em me inscrever no processo seletivo do PROFHISTÓRIA (edição de 2016) por se tratar de um mestrado profissional. Consegui ingressar e fui municiado por uma série de discussões nas disciplinas, que foram bastante enriquecedoras.

buscar interpretar sua realidade. Ele fará tal interpretação de acordo com seus interesses, com suas intenções:

A consciência histórica será analisada como *fenômeno do mundo vital*, ou seja, como uma forma de consciência humana que está relacionada imediatamente com a vida prática. É este o caso quando se entende por consciência histórica a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo (RÜSEN, 2001, p. 56-7).

Quando se fala no âmbito escolar, e porque não dizer fora dela também, é muito comum encontrarmos discursos, inclusive entre os docentes, de que os discentes não tem consciência histórica. Em sua emblemática obra *Razão Histórica*, Rüsen defende que a consciência histórica não se configura em uma escolha do ser humano, é algo universalmente humano. Ela é a base para qualquer ação do ser humano:

A consciência histórica não é algo que os homens podem ter ou não – ela é algo universalmente humano, dada necessariamente junto com a intencionalidade da vida prática dos homens. A consciência histórica enraíza-se, pois, na historicidade intrínseca à própria vida prática. RÜSEN, 2001, p. 78-9).

Outro aspecto importante presente no pensamento rüseniano, e que será de suma importância para a o desenvolvimento deste estudo, diz respeito aos tipos de consciência histórica. Ela está sistematizada em quatro categorias: tradicional, exemplar, crítica e genética.

| | TRADICIONAL | EXEMPLAR | CRÍTICA | GENÉTICA |
|----------------------------------|---|---|--|--|
| Experiência do tempo | Origem e repetição de um modelo cultural e de vida obrigatória | Variedade de casos representativos de regras gerais de conduta ou sistemas de valores | Desvios problematizadores dos modelos culturais e de vida atuais | Transformações dos modelos culturais e de vida alheios em outros próprios e aceitáveis |
| Formas de significação histórica | Permanência dos modelos culturais e de vida na mudança temporal | Regras atemporais de vida social. Valores atemporais | Rupturas das totalidades temporais por negação de sua validade | Desenvolvimento nos quais os modelos culturais e de vida mudam para manter sua permanência |

| | | | | |
|--------------------------------|---|--|---|--|
| Orientação da vida exterior | Afirmção das ordens preestabelecidas por acordo ao redor de um modelo de vida comum e válido para todos | Relação de situações particulares com regularidades que se atêm ao passado e ao futuro | Delimitação do ponto de vista próprio frente às obrigações preestabelecidas | Aceitação de distintos pontos de vista em uma perspectiva abrangente do desenvolvimento comum |
| Orientação da vida interior | Sistematização dos modelos culturais e de vida por imitação – role-playing | Relação de conceitos próprios a regras e princípios gerais. Legitimação do papel por generalização | Autoconfiança na refutação de obrigações externas – role-playing | Mudança e transformação dos conceitos próprios como condições necessárias para a permanência e a autoconfiança. Equilíbrio de papéis |
| Relação com os valores morais | A moralidade é um conceito preestabelecido de ordens obrigatórias; a validade moral é inquestionável. Estabilidade por tradição | A moralidade é a generalidade da obrigação dos valores e dos sistemas de valores | Ruptura do poder moral dos valores pela negação de sua validade | Temporalização da moralidade. As possibilidades de um desenvolvimento posterior se convertem em uma condição de moralidade |
| Relação com o raciocínio moral | A razão subjacente aos valores é um suposto efetivo que permite o consenso sobre questões morais | Argumentação por generalização, referência a regularidades e princípios | Crítica dos valores e da ideologia como estratégia do discurso moral | A mudança temporal se converte em um elemento decisivo para a validade dos valores morais |

Figura 9. Tipologia das consciências históricas em Rüsen.³⁰

Aquelas identificadas como tradicional e exemplar se configurariam como formas de consciências menos elaboradas. Já as que são denominadas de crítica e genética estariam em um patamar mais elevado. Partindo, também, das reflexões propostas por Rüsen, esta pesquisa como ponto de partida a aplicação de um questionário (que será melhor explorado posteriormente) que buscou identificar qual o tipo de consciência histórica (ou quais os tipos) dos estudantes dos sextos anos da Escola Estadual Professor Waldemar Ribeiro. Buscando ter contato com a narrativa produzida pelos alunos, é de suma importância, uma vez que a teoria rüseniana conceitua a narrativa histórica como a sua materialização:

³⁰ BARCA, I., MARTINS, E. R., SCHMIDT, M. A. (orgs). *JornRüsen e o ensino de história*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010. p. 63

a narrativa é a face material da consciência histórica. Neste contexto, a narrativa é entendida como a forma usual da produção historiográfica, que pode emanar de escolas diversas. Pela análise de uma narrativa histórica ganha-se acesso ao modo como o seu autor concebe o passado e utiliza as suas fontes, bem como aos tipos de significância e sentidos de mudança que atribui à história. Ela espelha por isso, tácita ou explicitamente, um certo tipo de consciência histórica, isto é, as relações que o seu autor encontra entre o passado, o presente e, eventualmente, o futuro, no plano social e individual. No que concerne à Educação Histórica formal, ela será um meio imprescindível para as crianças e jovens exprimem as suas compreensões do passado histórico e consciencializarem progressivamente a sua orientação temporal de forma historicamente fundamentada (BARCA, I., MARTINS, SCHMIDT, M. A, 2010. p. 12).

Buscando mudanças para que as aulas de História se tornem mais atraentes (e tenham maior significância para os estudantes, de acordo com o pensamento de Isabel Barca) aos olhos curiosos dos alunos do sexto ano do ensino fundamental, será estabelecida como estratégia fazer com que a aula vá além da exposição de acontecimentos históricos que estão cristalizados com programas curriculares e nos manuais didáticos.

A pesquisa tomo como um ponto de suma importância o conhecimento prévio dos alunos, tomando como base o conceito de “Aula Oficina”³¹. O estudante não pode ser pensado como um indivíduo que está em uma sala de aula apenas para se apropriar de datas, nomes, fatos e esquemas de estudos, ele não é mero ouvinte. Não há dúvidas de que o mesmo trás os conhecimentos e experiências que adquiriu o longo de sua vida, no convívio com seus familiares, amigos e outros locais de convívio social.

Para realizar esta pesquisa buscou-se compreender de que maneira a noção dos estudantes, em específico do sexto ano, sobre a chamada pintura rupestre, colabora para a cristalização do preconceito sobre a chamada “Pré-história”. Identificou-se que o manual didático fornecido pela rede estadual de ensino, que sem dúvida, é a principal fonte de informações dos estudantes dos sextos anos tem contato, e que colabora de forma incisiva para a perpetuação da ideia que a pintura rupestre faz parte de um período bastante estigmatizado por uma concepção de história evolucionista e eurocêntrica.

³¹ BARCA, I. Aula oficina do projecto à avaliação. In: PARA UMA EDUCAÇÃO HISTÓRICA DE QUALIDADE, 4., 2004, Braga. *Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Braga: Uminho, 2004. p. 131-144

2.3 – A aplicação dos questionários

A pesquisa começa a produzir os seus primeiros dados a partir da aplicação de um questionário que está composto de quatro perguntas:

- 1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?
- 2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?
- 3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?
- 4- Para você, qual o significado dessas pinturas?³²

Estas perguntas estão acompanhadas de quatro imagens de pintura rupestre da região de Monte Alegre. Essas imagens são parte integrante da obra Edithe



Pereira³³:

Figura 10. Pinturas rupestres de Monte Alegre - Pará.

Foi explicado aos estudantes, das quatro turmas de sexto ano, que eles fariam parte de uma pesquisa que estava sendo desenvolvida pelo professor de História. Disse que eles me ajudariam bastante se colaborassem respondendo os questionários, mas deixei bem claro que a participação não seria acompanhada de qualquer tipo de bonificação. Confesso que fiquei surpreso em não escutar grandes questionamentos quanto à ausência de pontos. Eles foram organizados em filas, como de costume nas aulas expositivas, e iniciei a

³² Inicialmente, o questionário foi proposto com três perguntas. Na qualificação, a Dra. Sidiana da Consolação Ferreira de Macedo sugeriu a inserção deste quarto questionamento. Muito enriqueceu a pesquisa, uma vez que foi detectado, através deste item, algumas caracterizações interessantes dos estudantes no que tange ao conceito de fontes históricas.

³³ PEREIRA, Edithe. *A Arte Rupestre na Amazônia – Pará*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; São Paulo: UNESP, 2003, p.151

distribuição dos questionários. Também foi explicitado para os discentes que não havia necessidade alguma deles consultarem qualquer tipo de material (caderno de anotações ou o manual didático de história). Expliquei que o interessante para a pesquisa era identificar o que eles realmente pensavam, qual a visão que eles traziam do que dizia respeito aos assuntos que eles seriam questionados. Não foram poucas as perguntas se haveria algum problema, para o desenvolvimento da pesquisa, se eles respondessem alguma coisa errada. Deixei bem claro que não havia problema algum.

Esse primeiro questionário foi aplicado no dia 07 de maio de 2018 (as atividades com as turmas do sexto ano sempre ocorreram na segunda-feira, para que as mesmas sempre estivessem adequadas aos horários estabelecidos pela unidade de ensino). Vale destacar, desde já, que os estudantes responderão as mesmas perguntas que foram feitas no primeiro questionário, para conseguirmos perceber as mudanças dos conceitos dos estudantes sobre os conceitos que concernem a chamada Pré-História, ao tempo, aos seres humanos que viveram neste período e a pintura rupestre. No geral as turmas levaram uma aula (quarenta e cinco minutos) para responder as quatro perguntas que compunham o questionário. Gostaria de destacar que em grande parte da aplicação, nas quatro salas, eles permaneceram em silêncio e concentrados em suas produções textuais. Levando em consideração que são turmas de sexto ano, isso já se configura em um grande feito. Essas turmas são bastante agitadas, mas confesso que essa é uma das coisas que eu mais gosto neles, eles transbordam vida, me dão ânimo para seguir adiante, mesmo com tantas dificuldades. Retomemos a análise, identificando a participação muito satisfatória nas quatro turmas :

| NÚMERO DE ESTUDANTES POR TURMA E PARTICIPAÇÃO DA APLICAÇÃO DO PRIMEIRO QUESTIONÁRIO (07/05/2018) | | |
|---|---------------------|----------------------|
| TURMAS | MATRICULADOS | PARTICIPANTES |
| F6M901 | 31 | 30 |
| F6T901 | 31 | 30 |
| F6T902 | 30 | 28 |
| F6T903 | 30 | 29 |
| TOTAL | 122 | 117 |

Tabela 3. Número de estudantes que participaram da aplicação do questionário.³⁴

³⁴Fonte: elaboração do autor.

Fiquei muito satisfeito com a participação dos que estavam presentes nas quatro turmas de sextos anos. Nenhum estudante se recusou a participar da aplicação do questionário. Outro aspecto que também fora bastante animador, foi o fato de que nenhuma das perguntas ter sido deixada em branco em nenhuma das turmas. Afinal, eu precisava me sentir bastante animado, pois só nesse primeiro questionário havia quatrocentos e sessenta e oito respostas para serem analisadas.

Há um distanciamento proposital entre as aplicações das atividades propostas nesta pesquisa. Aplicação do primeiro questionário no início de maio, momento em que ainda não haviam sido abordados assuntos que se referiam com as chamadas pinturas rupestres. Vale ressaltar que os mesmos ainda estavam muito acostumados a tomar contato com os assuntos do livro que tinham sido já trabalhados em sala de aula. Em várias oportunidades questionei os estudantes se eles já haviam pelo menos folheado as páginas do manual didático. Na maioria das vezes a resposta era negativa. Acredito que isso colaborava para que na aplicação do primeiro questionário conseguisse colher informações que diziam respeito aos conceitos dos estudantes sobre a pintura rupestre, sobre os humanos que as produziram e sobre a concepção de tempo dos mesmos, sem grandes interferências dos temas que havíamos tratados em sala de aula até então.

A aplicação da oficina de pintura rupestre ocorreu no mês de setembro, momento em que eles estavam já bem distanciados, no que diz respeito aos conteúdos trabalhados em sala, dos temas sobre o que classicamente se conhece pelo termo “pré-história”. O intuito estava centrado muito mais em promover uma oportunidade para que os estudantes do sexto ano produzissem fontes históricas no estilo dos humanos que aqui estavam antes do contato com os europeus, do que de analisar os conteúdos dessas produções. Importante aqui seria o de que através dessa experiência eles conseguissem modificar, mesmo que de forma sensível, o seu olhar sobre esses seres humanos que muito são estigmatizados, dentro ou fora do ambiente escolar. Já a aplicação do segundo questionário ocorreu no mês de dezembro. Lembrando que o mesmo tinha como objetivo identificar as transformações, entre os estudantes das referidas turmas, nas formas de pensar o ser humano, a pintura rupestre e o

tempo. O distanciamento proposital proporcionou para a pesquisa dados sobre o que os estudantes conseguiram apreender independente de suas preparações para exames bimestrais. Quem trabalha com ensino básico sabe muito bem do costume de se estudar às vésperas das provas, decorando conceitos que serão cobrados nessas avaliações.

A partir desse momento será feita uma análise mais detalhada de cada uma das turmas que participaram desta pesquisa. Será estabelecida a seguinte sequência:

1. Registros fotográficos da aplicação do primeiro questionário (07/05/2018)
2. Registros fotográficos da oficina de produção de pintura rupestre (10/09/2018).
3. Registros fotográficos da aplicação do segundo questionário (17/12/2018).
4. Tabelas demonstrando as respostas anteriores e posteriores à aplicação da oficina de pintura rupestre.

F6M901³⁵

³⁵ Nomenclatura da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Pará. Referência para a turma de sexto ano do ensino fundamental de nove anos. Nesse caso a única turma de sexto ano do turno da manhã.

Figura 11. Aplicação do primeiro questionário (07/05/2018).



Figura 12. Oficina de produção de pintura rupestre (10/09/2018).



Figura 13. Aplicação do segundo questionário (17/12/2018).



| RESPOSTAS ANTERIORES A APLICAÇÃO DA OFICINA DE PINTURA RUPESTRE | | | |
|---|--|---|--|
| Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura? | O que você conhece sobre este tipo de pintura? | Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas? | Para você, qual o significado dessas pinturas? |
| HÁ MUITO TEMPO 4 VEZES | PINTURA RUPESTRE 8 VEZES | HOMENS DAS CAVERNAS 6 VEZES | FIGURAS DE PESSOAS 5 VEZES |
| TEMPOS DAS CAVERNAS 4 VEZES | NADA 7 VEZES | HOMENS 3 VEZES | ANIMAIS 4 VEZES |
| ANTES DE CRISTO 4 VEZES | PINTURA NA CAVERNA 4 VEZES | ÍNDIOS 3 VEZES | A VIDA DELES 4 VEZES |
| TEMPO DOS DINOSSAUROS 1 VEZ | PINTURA NA PAREDE 1 VEZ | BARBUDOS E PELUDOS 2 VEZES | AVENTURAS E GUERRAS 2 VEZES |
| RESPOSTAS APÓS A APLICAÇÃO DA OFICINA DE PINTURA RUPESTRE | | | |
| Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura? | O que você conhece sobre este tipo de pintura? | Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas? | Para você, qual o significado dessas pinturas? |
| TEMPO DAS CAVERNAS 5 VEZES | PINTURA RUPESTRE 12 VEZES | HOMENS DAS CAVERNAS 7 VEZES | A VIDA DELES 5 VEZES |
| MUITOS ANOS ATRÁS 4 VEZES | PINTURAS EM CAVERNAS 2 VEZES | HUMANOS ANTIGOS 4 VEZES | HISTÓRIAS 4 VEZES |
| ANTES DE CRISTO 4 VEZES | PINTURAS 1 VEZES | CRIATIVOS E INTELIGENTES 4 VEZES | LEMBRANÇAS 3 VEZES |
| PRÉ-HISTÓRIA 1 VEZ | PINTURAS EM ROCHAS 1 VEZ | BARBUDOS E PELUDOS 3 VEZES | CAÇA 3 VEZES |

Tabela 4. Respostas da turma F6M901.

A turma F6M901 é formada quase que na sua totalidade por estudantes que cursaram o quinto ano já na Escola em que foi efetivada a pesquisa. Caracteriza-se por ser uma turma bastante participativa em todas as atividades que são feitas na escola, dentro ou fora da sala de aula. Quase todos participaram das três fases da pesquisa (aplicação e reaplicação do questionário e oficina de pintura rupestre) sem que fosse necessário qualquer tipo de bonificação nas avaliações. Caracteriza-se por ser uma classe agitada, principalmente nas chamadas conversas paralelas, o que observo como uma constante em meu trabalho com turmas de sexto ano. Todos eles tinham posse da obra didática de Patrícia Braick³⁶, que era um material utilizado em todas as aulas. Todos os estudantes, que participaram da aplicação dos questionários, responderam a todas as perguntas. Não percebi receio algum de que eles expusessem seus pensamentos com relação aos questionamentos que lhes foram feitos. Não houve consulta do manual didático ou qualquer outra fonte de informação no momento em que eles estavam participando de qualquer uma das fases da pesquisa.

Ao fazermos uma comparação nas respostas dadas pelos estudantes nos questionários propostos, observamos algumas modificações interessantes. Vamos levar em consideração três aspectos: noção do tempo em que foram feitas as pinturas, sobre as pinturas rupestres e sobre os seres humanos que as pinturas.

No que diz respeito à noção de tempo em que foram feitas as pinturas, observamos que desapareceram respostas que ligavam a época desses registros rupestres o tempo de existência de dinossauros ou mesmo de tempos muito distantes (há muito tempo). O conteúdo trabalhado em sala, juntamente com a aplicação da oficina, que fez com que eles entendessem mais estas pinturas como registros humanos, colaboraram para que no final do ano letivo os estudantes delimitassem estes registros em noções de tempo mais harmônicas com o que vimos em sala durante o mesmo ano letivo. Mesmo ainda sendo uma localização na tradicional linha do tempo, não podemos considerar isto um ponto de partida para que no decorrer do ensino fundamental. Outro aspecto que deve ser ressaltado é o costume em relacionar feitos antigos com a

³⁶BRAICK, Patrícia Ramos: Estudar história: das origens do homem à era digital. 2ª edição. São Paulo: Editora Moderna, 2015.

noção de ter sido feita “antes de Cristo”. Poderíamos elencar entre os fatores que colaboram para essa cristalização, o fato de usarmos oficialmente no Brasil o calendário cristão. Não podemos perder de vista que estamos trabalhando com turmas de sexto ano que estão passando por um processo de mudanças que tem que ser levadas em consideração. Só o fato de passarem a ter um professor ministrando cada disciplina é algo muito novo para eles.

Caracterizo como um dos grandes avanços que a pesquisa alcançou, o fato de responderem no final do ano letivo que reconheciam esses registros como pinturas rupestres. Não tenho dúvidas que muito mais do que qualquer questionário, imagem do livro, ou cena de um filme, o fato deles terem produzido essas pinturas colaborou para que a lembrança continuasse. Gostaria de deixar registrado que em várias oportunidades os estudantes se referiam à experiência da oficina como a melhor aula do ano. Vale destacar que não estavam sendo indagados, era de forma espontânea. Também merece destaque a mudança no que diz respeito aos seres humanos que fizeram as pinturas. Vale lembrar que nesta mesma pesquisa foi ressaltada a representação dos primeiros humanos no livro que eles utilizaram no quinto ano (“Pequenos Exploradores” da Editora Positivo). No próprio livro do sexto ano, como já vimos no capítulo 1 desta pesquisa, havia representações de humanos com muitos pelos. Isso ficou marcado na mentalidade desses estudantes. Mas creio que se configure em um grande avanço algumas caracterizações, após a oficina de pintura rupestre, desses seres humanos como inteligentes e criativos.

A quarta pergunta lançada no questionário, foi bastante proveitosa para captar o que os estudantes pensavam sobre o conteúdo das pinturas. No fim do ano letivo eles responderam que tais pinturas representavam lembranças ou o cotidiano dos indivíduos que as fizeram. Muitos desses estudantes ligam a ideia de lembranças com a história. Essa relação ainda é muito forte neles. Vejo aqui um espaço fecundo para ser explorado no campo do ensino de história, mas em um outro estudo.

F6T901³⁷

Figura 14. Aplicação do primeiro questionário (07/05/2018).



Figura 15. Oficina de produção de pintura rupestre (10/09/2018).



³⁷ Nomenclatura da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Pará. Referência para a turma de sexto ano do ensino fundamental de nove anos. Nesse caso a turma do sexto ano 1 do turno da tarde.

Figura 16. Aplicação do segundo questionário (17/12/2018).



| RESPOSTAS ANTERIORES A APLICAÇÃO DA OFICINA DE PINTURA RUPESTRE | | | |
|--|---|--|---|
| Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura? | O que você conhece sobre este tipo de pintura? | Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas? | Para você, qual o significado dessas pinturas? |
| PRÉ-HISTÓRIA 8 VEZES | NADA 15 VEZES | HOMENS DAS CAVERNAS 7 VEZES | MARCAS DA HISTÓRIA 10 VEZES |
| TEMPOS DAS CAVERNAS 5 VEZES | SERES HUMANOS DESENHARAM 3 VEZES | ERAM COMO MACACOS 6 VEZES | FORMAS DE COMUNICAÇÃO 4 VEZES |
| ANTES DE CRISTO 3 VEZES | PINTURA RUPESTRE E PINTURA NA PAREDE 2 VEZES | BARBUDOS E CABELUDOS 5 VEZES | DESENHOS 2 VEZES |
| TEMPO DOS DINOSSAUROS 2 VEZES | DESENHO NA CAVERNA E DESENHO ANTIGO 1 VEZ | ÍNDIOS 4 VEZES | IMAGINAÇÃO 2 VEZES |
| RESPOSTAS APÓS A APLICAÇÃO DA OFICINA DE PINTURA RUPESTRE | | | |
| Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura? | O que você conhece sobre este tipo de pintura? | Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas? | Para você, qual o significado dessas pinturas? |
| PRÉ-HISTÓRIA 7 VEZES | PINTURA RUPESTRE 13 VEZES | HUMANOS BARBUDOS, FORTES E CABELUDOS 7 VEZES | A VIDA DELES 10 VEZES |
| IDADE DA PEDRA 4 VEZES | PINTURAS EM CAVERNAS 5 VEZES | MACACOS 3 VEZES | O PASSADO 3 VEZES |
| ANTES DE CRISTO 4 VEZES | PINTURAS 2 VEZES | CAÇADORES 2 VEZES | COMUNICAÇÃO 2 VEZES |
| TEMPO DAS CAVERNAS 3 VEZES | PINTURAS EM ROCHAS 1 VEZ | NÃO MUITO INTELIGENTES 2 VEZES | CAÇAS 2 VEZES |

Tabela 5. Respostas da turma F6T901.

A turma F6T901 também é composta, em grande parte, por um público formado na Escola Waldemar Ribeiro (vale destacar que no ano que se iniciará em 2019 não haverá mais nesta unidade de ensino a turma do quinto ano no turno da tarde. Infelizmente, em minha prática pedagógica, pouco pude fazer com que eles compreendessem os conteúdos mais básicos, não por falta de vontade ou afetividade, mas por falta de preparo para lidar com essas situações. Esta é uma triste situação que encaramos em muitas escolas da rede estadual de ensino. Todos os estudantes presentes participaram da aplicação do questionário. Ocorreram vários depoimentos nos quais os estudantes disseram que haviam gostado de participar da pesquisa. Vale destacar que, nas três turmas do turno da tarde, os estudantes se sentiam muito valorizados por participarem das atividades da pesquisa, sempre muito solícitos, não que os estudantes da manhã não tivessem colaborado de forma bastante satisfatória. Eles sempre me perguntavam se haveria algum momento do trabalho em que eles iriam aparecer, especialmente nos registros fotográficos. Percebi que isto se configurava na principal forma, de acordo com os relatos deles, de os discentes ganharem destaque na pesquisa. Prometi para todos que eles estariam e expliquei que aquilo tudo jamais aconteceria sem a colaboração deles, que sem eles não havia, e não há, sentido em desenvolver este tipo de pesquisa. Todos os estudantes são portadores do manual didático que utilizamos em todas as aulas. Vale destacar que o livro didático tem atividades interessantes para estabelecer problematizações com os estudantes. Em nenhum dos três momentos da pesquisa houve utilização do manual didático ou do caderno em que eles anotam assuntos referentes à disciplina história.

Nesta turma também observamos mudanças significativas a partir da aplicação dos questionários e da oficina de pintura rupestre. A noção do tempo em que foram feitos os registros rupestres também sofreu transformações. A ideia de que foram feitas na época dos dinossauros também apareceu nessa turma (no primeiro questionário), já na aplicação do segundo questionário essa resposta já não existe. Há aqui a demonstração que ficou bem claro para os estudantes que não houve uma coexistência entre os dinossauros e os seres humanos. Esse aspecto é muitas das vezes ressaltado em desenhos animados e produções cinematográficas. No decorrer das próprias aulas de história busquei, inclusive mostrando no próprio manual didático, que essa coexistência

não ocorreu. Percebi em minha prática em sala de aula que eles tiveram certas dificuldades de separar o que eram os dinossauros e o que os manuais didáticos destacam como animais de grande porte. Sempre a estratégia em sala de aula era a de demonstrar, seja no livro ou na própria aula expositiva, que tudo o que o ser humano produz, seja material ou imaterial, se configura como uma fonte histórica. Creio que este trabalho aliado ao contato com as pinturas rupestres (seja através das imagens ou da própria produção de pinturas rupestres) colaborou para que os mesmos identificassem, em sua maioria, estes registros como provenientes de ações humanas que visavam registrar aspectos das vidas desses seres humanos. Nessa turma já surgiram fortes referências temporais ao período caracterizado como Pré-história, tanto no primeiro como no segundo questionário. Mais uma vez observamos a influência do uso oficial do calendário cristão, uma vez que se faz referência a tempos antigos como algo que ocorrera antes de Cristo.

Algo que considero ter sido bastante marcante nas respostas ao primeiro questionário, foi o fato de identificar que quinze dos participantes não conheciam, como eles mesmos disseram em suas respostas, “nada” sobre a pintura rupestre. Quando esse mesmo questionamento se mostrou para eles, no final do ano letivo, já em número considerável (treze) identificaram como pintura rupestre. Por se tratar de turmas de sexto ano, considero um grande avanço que eles ao menos lembrassem destas pinturas e soubessem como denominá-las de forma correta.

No caso da turma F6T901, ainda continuou de forma muito intensa a descrição dos seres humanos que produziram essas pinturas, de acordo com as respostas, como “barbudos”, “cabeludos” ou “peludos”. Também me chamou bastante a atenção o fato de alguns estudantes caracterizarem esses seres humanos como “macacos”. Creio que uma das imagens que estão evidenciadas na linha do tempo dos humanos, que foi trabalhada no capítulo 1 desta pesquisa, colaborem para esta visão. Um aspecto que marcou muito a visão desses estudantes sobre a pintura rupestre, foi o fato deles reconhecerem como registros que foram feitos pelos primeiros humanos e há muito tempo. Isto colabora para que os mesmos observem a mesma linha do tempo e imaginem que foram os *Australopithecus* que teriam feito tais pinturas. Na obra didática disponibilizada para o sexto ano, há uma certa semelhança da imagem do

primeiro ser humano com um macaco. Vale destacar que para os estudantes, especificamente do sexto ano, fica difícil, muitas das vezes, estabelecer essas diferenciações. Com relação ao quarto questionamento, percebi a modificação, na maioria das respostas, de “marcas da história” para “a vida deles”. Esta mudança evidencia que eles passaram a perceber estas pinturas como registros intencionais.

F6T902³⁸



Figura 17. Aplicação do primeiro questionário (07/05/2018).

³⁸ Nomenclatura da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Pará. Referência para a turma de sexto ano do ensino fundamental de nove anos. Nesse caso a turma do sexto ano 2 do turno da tarde.

Figura 18. Oficina de produção de pintura rupestre (10/09/2018).



Figura 19. Aplicação do segundo questionário (17/12/2018).



| RESPOSTAS ANTERIORES A APLICAÇÃO DA OFICINA DE PINTURA RUPESTRE | | | |
|--|---|--|---|
| Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura? | O que você conhece sobre este tipo de pintura? | Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas? | Para você, qual o significado dessas pinturas? |
| PRÉ-HISTÓRIA 6 VEZES | PINTURA RUPESTRE 7 VEZES | HOMENS DA CAVERNA 6 VEZES | ACONTECIMENTOS E O DIA A DIA 6 VEZES |
| MUITO TEMPO 5 VEZES | NADA 4 VEZES | BARBURDOS, CABELUDOS E PELUDOS 4 VEZES | DANÇAS 3 VEZES |
| ANTES DE CRISTO 2 VEZES | PINTURAS NAS CAVERNAS 2 VEZES | HOMENS DIFERENTES DE NÓS 2 VEZES | ARTE 2 VEZES |
| ÉPOCA DE GUERRAS 2 VEZES | PINTURA NA PEDRA 1 VEZ | QUADRÚPEDES 1 VEZ | CAÇA 2 VEZES |

| RESPOSTAS APÓS A APLICAÇÃO DA OFICINA DE PINTURA RUPESTRE | | | |
|---|---|--|---|
| Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura? | O que você conhece sobre este tipo de pintura? | Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas? | Para você, qual o significado dessas pinturas? |
| TEMPO DAS CAVERNAS 5 VEZES | PINTURA RUPESTRE 4 VEZES | HOMENS DAS CAVERNAS 6 VEZES | A VIDA DELES 10 VEZES |
| HÁ MUITO TEMPO OU MUITOS ANOS 4 VEZES | PINTURAS 4 VEZES | HUMANOS BARBUDOS, FORTES E CABELUDOS 5 VEZES | DANÇAS 3 VEZES |
| ANTIGUIDADE 3 VEZES | VIDA NA PRÉ- HISTÓRIA 2 VEZES | HOMENS DIFERENTES DE NÓS 2 VEZES | COMUNICAÇÃO 1 VEZ |
| PRÉ-HISTÓRIA 2 VEZES | PINTURAS NAS PEDRAS 1 VEZ | CAÇADORES 2 VEZES | CAÇA 1 VEZ |

Tabela 6. Respostas da turma F6T902.

A turma de F6T902 é formada, na sua grande maioria, por estudantes que vieram de outras escolas (geralmente outras unidades de ensino da rede estadual). O público desta sala de aula é um pouco mais agitado, inclusive com alguns problemas um pouco preocupantes no que diz respeito ao relacionamento entre eles. No decorrer do ano letivo tivemos situações de estudantes que se agrediram, além de um alto índice de registros junto à coordenação pedagógica devido uma série de comportamentos que não estavam em harmonia com as regras da escola. Um aspecto que muito me chama atenção no público dessa turma é a dificuldade que eles têm na leitura. Por menor que fosse o texto, as

dificuldades sempre se mostram muito grandes. Talvez este pode ser um dos fatores que ajude a explicar a grande dificuldade que os estudantes, especificamente desta turma, tinham em trazer o manual didático para os dias de aula. Como já ressaltai anteriormente, mesmo sendo um manual didático que carrega alguns problemas, o mesmo é utilizado, no trabalho em sala de aula, inclusive para fomentar debates, mesmo que de forma simples compreendendo que se trata de uma sala de sexto ano. No trato com os dados fornecidos pelas respostas nos questionários, percebi que os mesmos continuaram com uma certa dificuldade de localizar no tempo o período em que foram feitas estas pinturas. Inclusive ficou claro que a própria referência à “pré-história” diminuiu após a aplicação da oficina de pintura rupestre. Vale ressaltar que esta turma teve mais dificuldades do que as outras para se situar, dentro da concepção linha do tempo apresentada no manual didático. Creio que isto ficou bem evidente nas respostas dadas na segunda aplicação do questionário. No que diz respeito à identificação destes registros como pintura rupestre, observo que as respostas que diziam não conhecer “nada” sobre essas pinturas não mais ocorreram. Vejo como ponto importante que mesmo os que não responderam como “pintura rupestre” ao menos identificaram algo que é bem característico dessas pinturas (feitas nas pedras). Nas respostas que envolviam a ideia dos estudantes sobre os seres humanos que fizeram essas pinturas, me chamou atenção uma resposta, “quadrúpede”. Vejo como uma clara referência que este estudante fazia relação desses seres humanos com os macacos. Há poucas modificações nas respostas para a segunda pergunta na reaplicação do questionário. O que mais chama a atenção é a referência de que esses humanos seriam caçadores. Percebo aí uma forte influência do que foi trabalhado nas aulas expositivas (em muitas oportunidades esses humanos que viveram na pré-história eram caracterizados como “caçadores e coletores”). Vale ressaltar que não havia, antes da oficina de pintura rupestre, qualquer referência para uma habilidade destes humanos. Referências aos significados dessas pinturas sofrem poucas modificações nas aplicações dos questionários. Me chama atenção o fato de muitos estudantes terem dado como resposta “a vida deles”. Ficou clara para os discentes a ideia de que aqueles registros tinham como intenção demonstrar o dia a dia desses povos.

F6T903³⁹

Figura 20. Aplicação do primeiro questionário (07/05/2018).



Figura 21. Oficina de produção de pintura rupestre (10/09/2018).



³⁹ Nomenclatura da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Pará. Referência para a turma de sexto ano do ensino fundamental de nove anos. Nesse caso a turma do sexto ano 3 do turno da tarde.

Figura 22. Aplicação do segundo questionário (17/12/2018).



| RESPOSTAS ANTERIORES A APLICAÇÃO DA OFICINA DE PINTURA RUPESTRE | | | |
|--|---|--|---|
| Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura? | O que você conhece sobre este tipo de pintura? | Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas? | Para você, qual o significado dessas pinturas? |
| TEMPO DAS CAVERNAS 7 VEZES | NADA 9 VEZES | HOMENS DAS CAVERNAS 6 VEZES | A VIDA DELES 5 VEZES |
| IDADE DA PEDRA 3 VEZES | PINTURA RUPESTRE 5 VEZES | HUMANOS BARBUDOS, FORTES E CABELUDOS 6 VEZES | LEMBRANÇAS E MEMÓRIAS 4 VEZES |
| ANTES DE CRISTO 3 VEZES | PINTURA NA PEDRA 3 VEZES | ERAM MACACOS 5 VEZES | COMUNICAÇÃO 2 VEZ |
| PRÉ-HISTÓRIA 2 VEZES | PINTURA NA CAVERNA 3 VEZES | SEM CIVILIZAÇÃO, SUJOS E FEDORENTOS 3 VEZES | DESENHOS 2 VEZES |

| RESPOSTAS APÓS A APLICAÇÃO DA OFICINA DE PINTURA RUPESTRE | | | |
|---|---|--|---|
| Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura? | O que você conhece sobre este tipo de pintura? | Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas? | Para você, qual o significado dessas pinturas? |
| ANTES DE CRISTO 6 VEZES | PINTURAS NAS PEDRAS 5 VEZES | HOMENS DAS CAVERNAS 6 VEZES | A VIDA DELES 7 VEZES |
| TEMPO DAS CAVERNAS 4 VEZES | PINTURAS NAS CAVERNAS 5 VEZES | HUMANOS COMO NÓS 4 VEZES | COMUNICAÇÃO 6 VEZ |
| IDADE DA PEDRA 3 VEZES | PINTURA RUPESTRE 4 VEZES | ERAM MACACOS 3 VEZES | CAÇAS 3 VEZ |
| PRÉ-HISTÓRIA 2 VEZES | PINTURAS NAS PAREDES 2 VEZES | BARBUDOS, CABELUDOS E PELUDOS 2 VEZES | ARTE 1 VEZES |

Tabela 7. Respostas da turma F6T903.

A turma F6T903, assim como a anterior, é formada por estudantes que vieram de outras escolas que ficam próximas ao “Waldemar Ribeiro”. Trata-se

de uma sala de aula bastante agitada e cheia de criatividade. No decorrer do ano letivo foram vários os problemas decorrentes da indisciplina. Inclusive com sérios problemas de práticas de “bullying” dos mais variados aspectos, fato que deixava a sala de aula cheia de conflitos. Isso colaborava para que muitas atividades ali desenvolvidas fossem bastante atravancadas.

Esta sala de aula vivia uma condição muito peculiar, apenas alguns estudantes eram portadores do manual didático. Os livros enviados pela Secretaria de Educação não foram suficientes para todos os estudantes do sexto ano da escola. Infelizmente, só no momento da entrega dos manuais didáticos foi verificado a insuficiência dos mesmos. Não que o livro didático sirva na prática de sala de aula como o norteador do trabalho, mas não podemos negar a importância desses para que os estudantes tivessem contato com leituras mais específicas sobre o conteúdo de História e também no desenvolvimento das atividades em sala. Em especial neste último aspecto, vejo o manual didático sendo de grande valia. Em alguns momentos fomos obrigados a recorrer ao recurso de copiar o texto do quadro, pois esta era a única forma de ter algo para ler em casa, para a maioria da sala. Quando não chegamos a pedir o manual emprestado de estudantes de outras turmas, uma vez que todas elas tinham aula de história no mesmo dia (segunda-feira).

Creio que as atividades propostas nesta pesquisa foram de fundamental importância para que ocorressem mudanças bastante significativas. Houve em grande parte uma espécie de repetição das respostas que faziam referência ao momento em que foram feitas as pinturas evidenciadas no questionário. Mas fica claro que, para esses estudantes, o conceito de que algo que aconteceu há muito tempo muitas das vezes se localiza no tempo como ocorrido “antes de cristo”. Não podemos deixar de lembrar que o calendário cristão se configura, na vida dentro ou fora do ambiente escolar, como a grande orientação para se localizar no tempo. Há também mais referências ao “tempo das cavernas” ou “idade da pedra” do que ao termo “pré-história”. Acredito que todas as denominações que fogem do termo clássico (pré-história), trabalhado na maioria dos manuais didáticos, são positivas para que se busque uma nova caracterização desse tempo da existência humana que é tão estigmatizado (e tratado de uma forma muito mais proveitosa pela Arqueologia). Vejo também um ponto positivo o crescimento considerável de estudantes que tiveram o contato com as pinturas

rupestres especificamente através da estratégia pensada nessa pesquisa. Um número considerável de estudantes não sabia nada sobre esses registros rupestres, sendo que a partir da produção de pinturas rupestres e das aulas expositivas, esses estudantes estavam, praticamente no final do ano letivo, sabendo caracterizar essas pinturas ou aspectos importantes que a elas são peculiares (pinturas em pedras, cavernas ou paredes).

Um número significativo de respostas, especificamente para a terceira pergunta, tratou os seres humanos como “macacos”, “sujos”, “fedorentos” e “sem civilização”. Estes estereótipos não podem ser classificados, de forma muito intensa, como de forte influência do manual didático utilizado na escola, muito menos do material do ano anterior (manual didático do quinto ano, já referenciado nesta pesquisa no início deste capítulo). Assim como também ocorre em outras turmas, há influência de uma série de informações que estão fora do ambiente escolar, e que para esses estudantes se tornam algo muito forte. Apesar de ainda aparecer resposta referindo-se aos humanos que produziram essas pinturas como “macacos”, observamos algumas mudanças interessantes como respostas que se referem a “humanos como nós”. Creio que esta seja uma influência das aulas expositivas e também da experiência que eles tiveram em produzir registros rupestres. Algo que eles perceberam que não era algo tão fácil de se fazer e que envolvia uma série de habilidades (como, por exemplo, de produzir as tintas) e o ato de objetivar se comunicar. As respostas que se referiam à quarta pergunta evidenciaram poucas variações, com grande arte dos estudantes se referindo como registros que objetivavam demonstrar aspectos da vida daqueles seres humanos.

A ideia de que aquelas pinturas se configuravam como representações do seu cotidiano surge como algo marcante nas respostas, seja antes ou posterior a aplicação da oficina de pintura rupestre. Sempre as respostas demonstram que havia a ideia de que existia a intencionalidade desse passar alguma mensagem nessas imagens.

Após a análise desses dados, podemos perceber que uma das grandes dificuldades dos estudantes estavam concentradas principalmente em dois aspectos: caracterizar minimamente ou mesmo reconhecer as chamadas pinturas rupestres e localizar, mesmo dentro de uma concepção linear do tempo, o momento em que essas pinturas foram feitas.

Há toda uma tradição na literatura educacional, na qual se defende a ideia de que os estudantes que estão na série em questão (sexto ano do ensino fundamental), ocorre a impossibilidade do mesmo compreender a noção de tempo. Afirmam que isto seria possível apenas a partir das séries finais do chamado ensino fundamental. Estes são os adeptos das ideias formuladas por Piaget. Circe Bitencourt estabelece a seguinte crítica sobre este pensamento:

Embora Piaget considere a interação do indivíduo com fatores externos da vida social como relevante no domínio de conceitos, entende que o aspecto biológico é mais decisivo nesse processo. A crítica em relação a esse processo de aquisição de conceitos ainda recai no reconhecimento do indivíduo como um ser universal, e, para muitos seguidores de Piaget, não importa a história e as influências do espaço social de vivência desse indivíduo.(...) Muitos autores, discordando dessa concepção, assinalam, ao contrário, a importância das condições que o indivíduo encontra na condução do seu próprio caminho cognitivo.” (BITTENCOURT, 2009. p. 188).

Quando fizemos uma breve análise da própria prática pedagógica da educadora dos quintos anos, da escola em que foi executada esta pesquisa, percebemos de fato esta influência de forma marcante. Na maioria dos casos, é justamente quando os estudantes chegam ao sexto ano, a disciplina história passa a estar sob os cuidados de um profissional com o curso superior em História. Isto acaba por se configurar em um grande impacto, seja para os estudantes seja para o professor.

Se uma pesquisa será desenvolvida buscando levar em consideração o convívio que os estudantes tem fora do espaço escolar, deveremos compartilhar da ideia de que o seu conhecimento prévio, no que tange aos mais variados assuntos, deve ser levado em consideração. Esse deve ser coletado e analisado para que se tente “a construção de novos significados e esquemas”, como ressalta Bittencourt. No caso desta pesquisa, devemos estar atentos às influências que o cinema, a televisão e a rede mundial de computadores, na formulação do conhecimento histórico. Este aspecto deve ter ficado bem claro quando analisamos os dados produzidos na aplicação dos questionários. As respostas que ali observamos demonstram que o manual didático não se configura como a principal fonte de informação para a elaboração do conhecimento histórico desses estudantes.

Na aplicação dos questionários também ficou bastante claro que seria da grande eficiência, para um melhor desenvolvimento do ensino de história, mais especificamente nas turmas de sexto ano, a proposta de se pensar em novas periodizações, como já falava Bittencourt:

Essa é uma possibilidade, entre tantas, de pensar novas periodizações e indicar novas marcas para estabelecer e organizar a noção de tempo cronológico, sistematizando acontecimentos de acordo com critérios que indiquem temporalidades de diferentes populações. Trata-se de possibilidades fundamentais para situar as problemáticas do tempo presente.” (BITTENCOURT, 2009. p. 214).

O fato de não se trabalhar apenas com fontes históricas que foram “produzidas” no período que classicamente é conhecido como história, já ajuda bastante para que os estudantes possam estar mais propícios a aceitação de estratégias de trabalhos com novas periodizações que não estabeleçam esse corte radical que já é proposta há muito tempo, não apenas nos manuais didáticos, mas também na vida fora da escola, entre o período anterior e o posterior ao que chamamos de surgimento da escrita. Vale ressaltar que muitos estudantes chegam a relatar que não enxergam grandes vantagens ou proveitos de se trabalhar um momento da existência humana em que nem mesmo existia a escrita.

Outro aspecto importante para se iniciar um trabalho que possa efetivar uma nova ideia de periodização seria o de estabelecer comparações mais próximas da realidade entre os períodos anteriores a escrita (ou anteriores ao contato com o europeu, no caso das populações do continente americano). Destinar maiores partes na linha do tempo ou até mesmo na divisão dos conteúdos que devem ser trabalhados nas turmas de sexto ano.

Nas respostas dos estudantes, no que diz respeito aos questionários que foram aplicados no desenvolvimento desta pesquisa, conseguimos perceber que há uma forte influência, e por que não dizer negativa, sobre o período da existência humana que se localiza antes do surgimento da escrita. Didaticamente falando, temos a consciência da forte dificuldade, até mesmo pela formação que os estudantes já vem recebendo ao longo do processo educacional escolar, quebrar a ideia de que existe uma pré-história. São as mais variadas influências

que vem de fora dos “muros da escola” que depreciam este momento da história da humanidade.

2.4 – A oficina de produção de pinturas rupestres.

As duas aplicações de questionários que ocorreram no desenvolvimento desta pesquisa, foram de grande importância para a identificação das noções dos estudantes sobre as temporalidades, as pinturas rupestres e os humanos que viveram no período pré-histórico.

Outro momento significativo foi a produção de pinturas rupestres. O simples sair do espaço sala de aula, que para eles, muitas das vezes, se mostra bastante enfadonho, já ocasiona uma grande expectativa. Não foram raras as vezes que muitos desses estudantes pediam, não apenas na minha disciplina, para que os professores desenvolvessem atividades que envolvessem de alguma forma a prática de pinturas. Talvez por se tratar de estudantes de turmas de sexto ano, ainda estavam com lembranças muito fortes de práticas pedagógicas que muito se envolviam com pinturas e desenhos. Foram muitas as situações que tive a oportunidade de observar os trabalhos que eles faziam nas paredes das salas de aulas.

No momento em que iniciei o Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTORIA), tive muitas dúvidas sobre qual caminho seguir para desenvolver a minha pesquisa. Uma certeza havia, o de querer trabalhar com as turmas do sexto ano. Observava ao longo de minha prática pedagógica, que um dos grandes problemas era justamente a dificuldade dos estudantes de conseguir perceber as fontes históricas para além do documento escrito, mais especificamente, como eles sempre dizem, do “papel envelhecido”. Encontrei aqui o ponto de ligação para tentar solucionar esses problemas: a familiaridade da maioria deles com a prática de pintar e desenhar, e a necessidade de melhor caracterizar o que seriam as fontes históricas.

No dia dez de setembro de 2018, ocorreu a produção de pinturas rupestres com as quatro turmas de sexto ano da Escol Estadual de Ensino Fundamental “Professor Waldemar de Freitas Ribeiro”. Esta estava programada para acontecer no mês de junho, no entanto alguns atropelos no calendário escolar fizeram com que a mesma acontecesse apenas no mês de setembro.

Sabemos que muitas das vezes os professores da rede pública de ensino esbarram na falta de recursos para desenvolver suas atividades. Não são raros os casos em que não temos acesso a recursos básicos para o desenvolvimento de nossa prática pedagógica. Este pode ser colocado como um dos aspectos, claro que unido a outros das mais variadas ordens, que fazem com que o professor de história muitas das vezes acabe não fugindo do tradicional: a aula expositiva. Não podemos também fechar os olhos para os problemas estruturais que muitas escolas da rede pública do estado do Pará se encontram. Infelizmente, existem casos em que nem mesmo o quadro está fixado na parede para que a tradicional aula “quadro, pincel e garganta” entre em ação.

Inicialmente, pensei em produzir uma vídeo-aula sobre as pinturas rupestres. Logo verifiquei que não teria a possibilidade de produzir algo com qualidade caso seguisse com esta proposta. Sendo assim, deveria buscar uma outra alternativa que não fosse necessária a aplicação de grandes recursos financeiros. Levar os estudantes para entrar em contato físico com estas pinturas também se configurava em algo completamente fora da realidade. Afinal de contas, a pesquisa se desenvolveu na capital do estado do Pará, Belém, e as pinturas estão localizadas no município de Monte Alegre, mais de oitocentos quilômetros de distância, em linha reta.

A aplicação de uma oficina de produção de pintura rupestre se configurou como uma proposta possível, levando em consideração os recursos financeiros e estruturais que tinha à disposição. Confesso que não tive grande animação nos momentos iniciais em que comecei a pensar nesta proposta. Na verdade, tinha uma certa dificuldade de trabalhar com esta dinâmica, que no caso envolveria a produção de pinturas em sala de aula. Mas o desafio estava lançado!

Pesquisei sobre algumas experiências que haviam sido desenvolvidas em outras unidades escolares. Todas as que encontrei, que foram desenvolvidas em escolas da rede pública do estado do Pará, tinham sido desenvolvidas pelos profissionais que estavam lotados na disciplina Artes. E todas elas, sem qualquer exceção, teve como proposta a reprodução das pinturas da Serra da Capivara, conhecido sítio arqueológico do Piauí, que já fora mencionado nesta pesquisa, mais especificamente no capítulo 1.

Minha proposta era justamente de “fugir” dessa referência. Não por desconsiderar estas fontes, mas pela sua supervalorização. Acredito que as propostas de trabalho com pinturas rupestres, seja na disciplina história ou não, utilizando como referência as pinturas do Piauí, já se encontram saturadas.

Em minhas buscas por informações sobre as pinturas rupestres, mais especificamente no que diz respeito a região amazônica, entrei em contato com uma obra que muito me atraiu que foi a produção de Edithe Pereira (referência indiscutível no que tange à pintura rupestre da região amazônica). Ali me encontrei, e decidi que iria trabalhar com as fontes que eram divulgadas pela sua extensa obra.

Agora vinha a fase de pensar no material que seria utilizado nessa proposta de produção de pinturas rupestres. Depois de muitas pesquisas e de tentar até mesmo em casa produzir essas pinturas, me decidi em elencar os seguintes materiais:

- Cartolina branca.
- Terra preta.
- Carvão vegetal.
- Colorau.

Busquei adquirir todos os materiais necessários, uma vez que os estudantes não foram avisados de que a atividade das pinturas rupestres ocorreria naquela data, então dia 10 de setembro de 2018. Queria fazer a tal surpresa, que se configura como algo muito interessante em práticas pedagógicas em turmas do sexto ano. Eles sempre gostam de surpresas.

Gostaria de nesta oportunidade deixar registrado que contei com grande colaboração de dois monitores do curso de Licenciatura em História da Universidade da Amazônia (UNAMA), Evelyn Peniche, no turno da manhã, e Bruno Cordeiro, no turno da tarde. Também contei com a preciosa colaboração de um grande amigo historiador Carlos Alexandre Sequeira, que muito me ajudou na execução do trabalho na parte da tarde. Infelizmente, não contei com a participação dos profissionais de Artes que estavam lotados na escola, principalmente por conta dos desencontros de horários.

Cada uma das turmas desenvolveu a atividade de produção das pinturas dentro dos seus respectivos horários de aulas. Essas turmas contam com duas aulas semanais de quarenta e cinco minutos.

As turmas foram divididas de forma que ficassem quatro estudantes encarregados de produzir em uma única cartolina. Esta estratégia foi utilizada para que fosse valorizado o trabalho em equipe. Foi grande a minha satisfação, uma vez que observei que em nenhuma das turmas ocorreu qualquer tipo de problema que muitas das vezes são corriqueiros quando desenvolvemos trabalhos em equipes, principalmente quando se trata de turmas de sexto ano. Aos que tem ou tiveram a experiência de trabalhar com turmas de sexto ano, sabem muito bem dos dilemas que encaramos no desenrolar de trabalhos em equipe.

Observemos algumas imagens das produções dos estudantes das quatro turmas de sexto ano do ensino fundamental, que participaram desta pesquisa:



Figura 23. Oficina de produção de pintura rupestre.

Os estudantes ficaram livres para pintar os temas que eles quisessem. Observei que os temas, pintados por eles, foram os mais variados:

- Reproduções das imagens do manual didático.
- Reproduções das imagens da obra de Edythe Pereira (apresentadas no questionário).
- Os próprios nome e nome de parentes próximos.
- Mãos.
- Nomes de bandas musicais que eles gostam.

A principal proposta desta pesquisa não residia em identificar o que eles iriam pintar, quais as representações que eles fariam nessas pinturas. O grande objetivo era fazer com que estes estudantes percebessem, através destas produções, as dificuldades que os seres humanos, que viveram há milhares de anos, encaravam para executar essas pinturas. Por meio desta experiência, quem sabe, passar a lançar um outro olhar sobre esse período tão estigmatizado, nos manuais didáticos, no cinema, na mídia em geral.

CONCLUSÃO

A aproximação estabelecida entre o Ensino de história e a Arqueologia foi de grande importância para se fosse pensada, e executada, uma prática pedagógica na qual as chamadas pinturas rupestres fossem tratadas de forma mais efetiva na condição de fonte histórica. Durante o desenvolvimento do trabalho ficou muito claro que os manuais didáticos não estavam preparados, ou até mesmo interessados, em proporcionar maiores contatos com o tipo de registro que foi o foco desta pesquisa. Não se observa uma tradição nos manuais didáticos que são produzidos no Brasil, de se colocar ênfase, nem no período chamado classicamente de pré-histórico e, por consequência natural, nos registros rupestres.

Não podemos deixar de destacar que no realizar desta pesquisa ficou claro, até mesmo em uma breve passagem pelos outros volumes desta coleção de Patrícia Braick, mesmo não sendo o central nessa pesquisa, que a região amazônica, quando visitada, havia um destaque muito maior para os temas que podemos até mesmo chamar de clássicos, no que diz respeito a região amazônica. Geralmente temas relacionados as drogas do sertão, a economia da borracha ou os “grandes projetos”, como já se convencionou denominar os projetos desenvolvidos durante a Ditadura Militar. Vale a pena ressaltar que existe grande pressão dos órgãos competentes (federais, estaduais e municipais) para que certos temas acabem recebendo mais ênfase, especialmente para uma futura cobrança de provas como o próprio Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Outro aspecto que merece destaque é o fato de os estudantes terem dificuldades de situar no tempo o momento em que teriam sido produzidas as pinturas rupestres. Um fator que gera uma certa insegurança nos estudantes, especialmente nos assuntos concentrados no período chamado de Pré-história, é a dificuldade em estabelecer datas mais precisas.

Ficou claro no decorrer da pesquisa que os estudantes realmente tinham uma visão muito cristalizada de que a fonte histórica se materializava apenas no “papel envelhecido”. Um contato mais intenso com essas pinturas colaboraram, de forma mais intensa, para que fosse promovida a ampliação do conceito de

fontes históricas. Não podemos esquecer o fato de que o trabalho em questão foi desenvolvido com crianças do sexto ano, e se estes não são, como Circe Bittencourt, destaca, pequenos historiadores. Não apenas esse conceito foi ampliado, como também foi observado um maior interesse dos estudantes em aprender um pouco mais sobre a Pré-história, e mais especificamente sobre a pré-história da região amazônica. Como tenho um bom contato com o professor que trabalha com a disciplina Estudos Amazônicos, o mesmo me relatou, em conversas informais, que os estudantes estavam mais interessados em dados sobre o período em questão.

Algo que também demonstrou êxito na pesquisa desenvolvida, foi o interesse de alguns estudantes sobre a Arqueologia. Inclusive, em momentos bem posteriores a pesquisa, muitos até citaram o interesse em conhecer a arqueóloga Edithe Pereira. Confesso que depois deste trabalho aumentou bastante meus interesses nessa área das ciências humanas.

A aplicação dos questionários se configurou como um material muito proveitoso, uma vez que ele proporcionou um maior contato com o que os estudantes pensavam sobre as pinturas rupestres e sobre a própria noção de tempo (que surgiu com fortes referenciais aos períodos que estariam muito mais divididos em antes ou depois de Cristo, que anterior ou posterior ao surgimento da escrita).

Pensar, de fato, em trabalhar com uma ideia de temporalidade que viesse a não tomar como referencial o surgimento da escrita, seria de grande proveito para que os estudantes passassem, mesmo que de forma discreta, a lançar um olhar menos preconceituoso aos indivíduos que foram caracterizados em muitas oportunidades como "homens das cavernas". A produção de pinturas rupestres, fora da disciplina Artes, foi de grande valia para que estes estudantes também passassem a enxergar, de forma mais efetiva, a mesma como podendo ser alvo de estudos dentro do conteúdo da disciplina História. Infelizmente, por uma questão de adequação dos horários, não foi possível contar com a colaboração das professoras da disciplina Artes.

Não me restam dúvidas de que a maior disponibilidade de tempo para que a pesquisa fosse desenvolvida, nos seus mais variados sentidos, seria de grande importância para que a mesma pudesse ter efeitos maiores. Inclusive para que fosse até mesmo pensada uma estratégia de se utilizar de outras fontes

históricas que são características do período pré-histórico, como os sambaquis da região amazônica, por exemplo, que pouco são explorados nos manuais didáticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? In: GONÇALVES, Márcia de Almeida et. al. *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

BARCA, I. Aula oficina do projecto à avaliação. In: PARA UMA EDUCAÇÃO HISTÓRICA DE QUALIDADE, 4., 2004, Braga. *Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Braga: Uminho, 2004.

BARCA, I., MARTINS, E. R., SCHMIDT, M. A. (orgs). *Jorn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

BARRETO, Mauro Vianna. *Abordando o passado; uma introdução à Arqueologia*. Belém: Paka-Tatu, 2010.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Conceitos básicos: Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In.: KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2003.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: Fundamentos e Métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*, Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.

BRAICK, Patrícia Ramos: *Estudar história: das origens do homem à era digital*. 2ª edição. São Paulo: Editora Moderna, 2015.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais : história / Secretaria de Educação Fundamental*. . Brasília : MEC / SEF, 1998, p. 77.

¹Idem, p. 77.

Brasil. Ministério da Educação. *PNLD 2017: apresentação – Ensino fundamental anos finais / Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica – SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2016)

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CAIMI, Flávia Eloisa. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. *Tempo*, v. 11, n. 21, p.17-32, 2006.

CHILDE, Gordon. APUD, FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo: Ática, 3ª ed. 2ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2015.

FEBVRE In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Unicamp, SP: 1998.

FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo: Ática, 3ª ed. 2ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2015.

FUNARI, Pedro Paulo. Como se tornar arqueólogo no Brasil. *Revista USP*, 44, 74-85, 2000; e Tornar-se arqueólogo no Brasil, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, Portugal, 40, 3-4, 2000.

FUNARI, Pedro Paulo & NOELLI, Francisco Silva. *Pré-história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (organizadora). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

JANOTTI, Maria de Lourdes. O livro *Fontes históricas* como fonte. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (organizadora). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MICELI, Paulo. Uma pedagogia da História? In: PINSKY, Jaime (org.) *O ensino de história e criação do fato*, volume 14, 3ª edição, São Paulo: Contexto, 2017.

MIRANDA, S. R. Aprender e ensinar o tempo histórico em tempos de incertezas: reflexões e desafios para o professor de história. In: GONÇALVES et al. (orgs). *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro, Editora FGV, 2012.

MONTEIRO, Ana Maria. Professores de história: entre saberes e práticas. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2007, p. 28.

NADAI, Elza. O Ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 143-162, set. 1992/ago. 1993.

PEREIRA, Edithe. *A Arte Rupestre na Amazônia – Pará*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; São Paulo: UNESP, 2003.

PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília, DF: UnB, 1991.



REZNIK, Luís. A construção da memória no ensino de História. In: FICO, Carlos]; ARAÚJO, Maria Paula (orgs.). *1964-2004 – 40 anos do Golpe: Ditadura Militar e resistência no Brasil*. Rio de Janeiro: 2004,

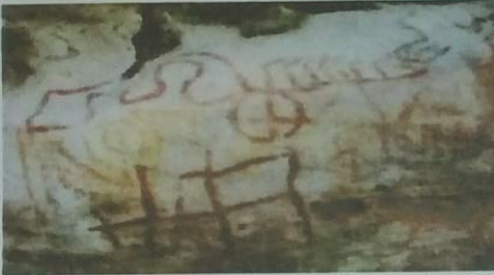

RÜSEN, Jorn. O livro didático ideal. In SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; Martins, Estevão de Rezende (Orgs). *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora UNB, 2001, p. 56-7.

ANEXOS

| GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ | |
|---|----------------------------|
| SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO | |
| ESCOLA: <u>Waldemar de Farias Ribeiro</u> | |
| Professor: <u>RAFAEL CASTRO</u> | Turmo: <u>6º ANO manhã</u> |
| Estudante: <u>[REDACTED]</u> | |
| Data: <u>17/12/2018</u> | |

- 1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?
há muitos anos atrás, eu acho que os homens das cavernas fizeram
- 2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?
elas se chamam pinturas rupestres, e elas são uma parte importante para os historiadores desvendar o passado
- 3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?
eles eram grandes fortes, inteligentes para caçar,
- 4- Para você, qual o significado dessas pinturas?
elas são importantes para os historiadores para desvendar o passado.

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA: EE EF Waldemar de Freitas Ribeiro

Professor: RAFAEL CASTRO

Turno: manhã

Turma: 6º ANO A

Estudante: [REDACTED]

Data: 07/05/2018



1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?

nos tempos da Caverna dizem ser Reliquias bem antigas que valem muito dinheiro e elas são pinturas Rupustres

2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?

que eles são símbolos que significam alguma coisa.

3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?

acho que eles ainda estavam evoluindo

4- Para você, qual o significado dessas pinturas?

como era a vida deles quando eles caçavam e pescavam ou faziam outras coisas eles Registraram

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA: Waldemar de Freitas Ribeiro

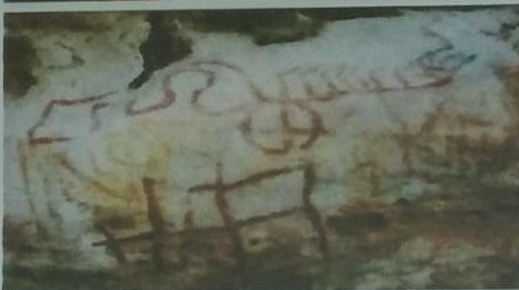
Professor: RAFAEL CASTRO

Turno: Manhã

Turma: 6º ANO 15²

Estudante: [REDACTED]

Data: 17 / 12 / 2018



1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?

Muitos anos foi no tempo dos homens das cavernas porque no tempo deles eles não tinha papel então eles desenhavam nas paredes.

2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?

Eu sei que ela era muito antiga.

3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?

"Eles" muito velhos eram velhos mais bem criativos.

4- Para você, qual o significado dessas pinturas?

Meu professor me ensinou muitas coisas sobre essa pintura, mas o nome dela é "pintura rupestre".

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA: E.E.F. Waldemar de Freitas Rebelo

Professor: RAFAEL CASTRO

Turno: Manhã

Turma: 6º ANO A

Estudante: [REDACTED]

Data: 07/05/2018



1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?

Foi faz tempo porque essas figuras tem cara de ser bem antigas.

2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?

Essa é uma pintura das Homens das cavernas antigamente quando não existia papel eles pintaram nas paredes. Eu acho que se chama Arte Rupestre.

3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?

Eu imagino que eles eram Homens das cavernas porque essa pintura tem cara de ser das cavernas.

4- Para você, qual o significado dessas pinturas?

O significado é que os Homens das cavernas pintavam bastante esses tipos de pintura. Mas é isso que se vê!

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA: WALDEMAR DE FREITAS RIBEIRO

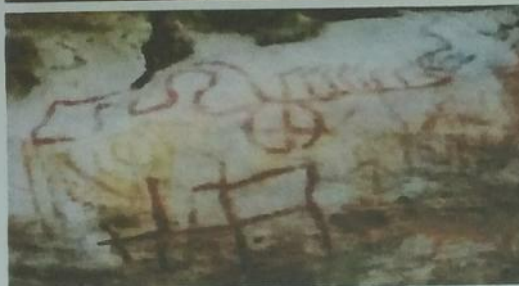
Professor: RAFAEL CASTRO

Turno: MANHÃ

Turma: 6º ANO MANHÃ

Estudante: _____

Data: 17/12/2018



1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?

NO MOMENTO EM QUE QUERIAM MOSTRAR SUAS HISTÓRIAS OU APENAS UM PASSA
TEMPO ENQUANTO FICAVAM NA CAVERNA E O TEMPO NÓS SABEMOS EXATAMENTE
TE MAIS SABEMOS QUE SENTA MUITA HISTÓRIA.

2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?

QUE SÃO FEITAS EM PEDRAS, E AS TINTAS VINHAM DE UMA PEDRA E
FORAM FEITAS PELOS NOMADÊS.

3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?

TIPO AQUELES HOMENS DA CAVERNA ^{CAVERNA} ~~CAVERNA~~, TODO DESCABELADO, COM PEÇAS FEITAS
COM PELES DE ANIMAIS E COM BARBÃO

4- Para você, qual o significado dessas pinturas?

SIGNIFICA PRA MIM HISTÓRIA, SABER COMO ELAS VIVIAM, FAZER COISAS
QUE ELAS GOSTAM E FAZIAM, PRA MIM SIGNIFICA CONHECIMENTO.

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA: E.E.E.F Waldemar de Freitas Ribeiro

Professor: RAFAEL CASTRO

Turno: Manhã

Turma: 6º ANO A

Estudante:

Data: 07/05/2018



1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?

Na idade da pedra e milhares de anos no tempo dos
nômades.

2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?

Ela é uma pintura que nossos antepassados desenharam,
eles usaram isso para conta história. Ela é chamada de
pintura rupestre.

3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?

Por causa dos bonequinhos que são os homens, ele
quebravam pedra pegavam terra para fazer a tinta
e histórias.

4- Para você, qual o significado dessas pinturas?

Ela são históricas é isso significa para saber o
que ele faziam, comiam e viviam.

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA:

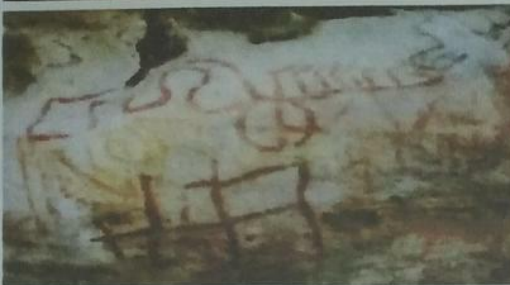
Professor: RAFAEL CASTRO

Turno: tarde

Turma: 6º ANO 1

Estudante:

Data: 27/02/2018



1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?

no pré-história

2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?

para entenele como era a pré-istória

3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?

com ~~o~~ frutas e melancia

4- Para você, qual o significado dessas pinturas?

para intenele o passado deles

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA: E.E.E.F. Waldemir de Freitas Ribeiro

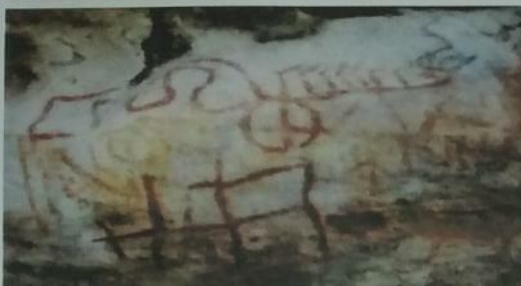
Professor: RAFAEL CASTRO

Turno: tarde

Turma: 6º ANO 1

Estudante: [REDACTED]

Data: 07 /05/2018



1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?

1 a milhões anos atrás

2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?

Eu não conheço nenhum tipo de pinturas.

3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?

Elas tinham motricidade em cartelas como
eles não sabiam falar faziam pinturas
para se comunicar.

4- Para você, qual o significado dessas pinturas?

uma pessoa pegando fogo.

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA: Waldemar Ribeiro

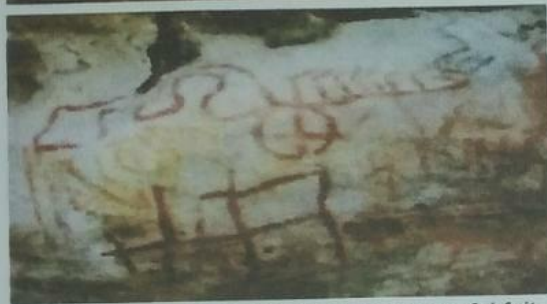
Professor: RAFAEL CASTRO

Turno: Tarde

Turma: 6º ANO A

Estudante: [REDACTED]

Data: 17/12/2018



1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?

Acho que a 20.000 anos atrás quando não existia modo como carvão e lápis

2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?

eu sei que essa pintura é conhecido como Pintura Rupestre, ou Arte Rupestre, foram feitas por humanos idas cavernas, ou seja, homens antigos, homens idos

3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?

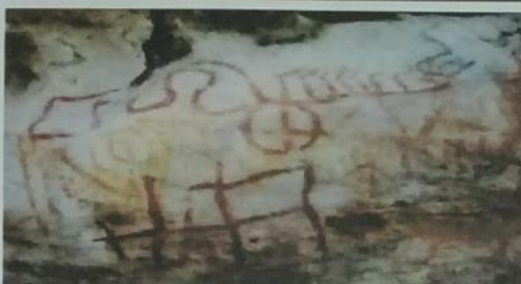
O ser humano dessa época vai acordo com o meu ponto de visto, eles tinham características do homo sapiens, que se caracteriza bastante com um corpo e rosto de macaco

4- Para você, qual o significado dessas pinturas?

O significado dessas pinturas não facis, eles representavam de acordo com o que acontecia. Por exemplo, se eles mostram uma onça, eles iam desenhá-la sem a onça morrendo, se eles estavam com frio eles faziam algum desenho que mostra o significado frio

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ

SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA: F.E.E.F. Waldemaro de Freitas RibeiroProfessor: RAFAEL CASTROTurno: TardeTurma: 6º ANO 01Estudante: [REDACTED]Data: 07/05/2018

1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?

Com eu acho que foi feito a milhões de anos atrás. A muito tempo mesmo cerca de 100 milhões de anos

2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?

Sei que essas pinturas se chamam rupestre, que eram feitas por seres humanos em cavernas e rochas na pré-história

3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?

imagino que não era tão desenvolvidos como somos agora, eles não andavam com vestimentas eram mais enclimados e sua fisionomia parecia com a de um macaco

4- Para você, qual o significado dessas pinturas?

pro mim o significado dessas pinturas é um momento ou fato que aconteceu com esses seres da pré-história - tipo dois animais se abocando e ele observando por um desenho nas paredes do caverna

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA:

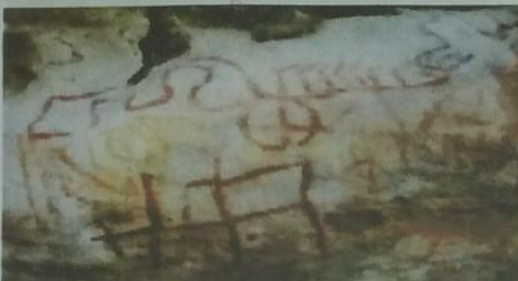
Professor: RAFAEL CASTRO

Turno: tarde

Turma: 6º ANO 1

Estudante: _____

Data: 17/12/2018



1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?

no Pré-histórico por os humanos no elacos das mamute talvez

2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?

se chama arte rupestre foi feito no Pré-histórico por civilização daquele elaco

3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?

com braços grandes não tinham como hoje em dia tinha como era semelhante a de macacos e felinos

4- Para você, qual o significado dessas pinturas?

elas pintaram nos lares o que eles eram e um tesouro da humanidade

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA: E. E. E. F. Waldemar de Freitas Ribeiro

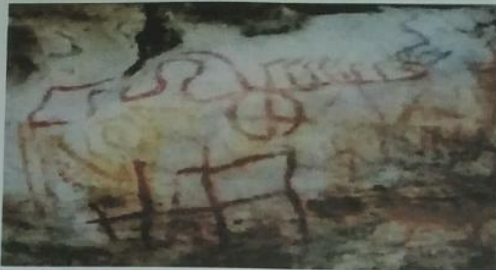
Professor: RAFAEL CASTRO

Turno: Tarde

Turma: 6º ANO 12

Estudante:

Data: 07/05/2018



1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?

no período pré-histórico no sítio de Maricá

2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?

são pinturas antigas que os seres humanos deixaram para alertar que tera de animais e linguagem de comunicação

3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?

um pau caído com cordão de macaco eram feitos do modo si
utilizavam não falavam com a narro. linguagem de mão

4- Para você, qual o significado dessas pinturas?

Pinturas de animais de caça e animais em extinção
e a linguagem

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA: C. E. E. F. Prof Waldemar Ribeiro

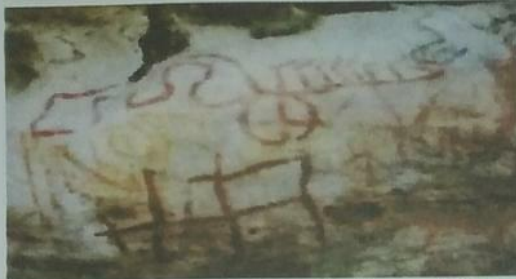
Professor: RAFAEL CASTRO

Turno: Tarde

Turma: 6º ANO - J

Estudante: [REDACTED]

Data: 17/12/2018



1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?

a muito tempo atrás quando ainda não existia a escrita lá pro século 5 ou 6 a.C

2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?

sei que são pinturas rupestres e que foram feitas pelos homens das cavernas no tempo da pré-história

3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?

eu imagino que eram homens com barba e cabelo longos, vestindo roupas feitas com pele de animal descalcadas

4- Para você, qual o significado dessas pinturas?

guerras, caças, algum tipo de ritual e como eram as vidas deles

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA: E. C. E. J. Prof. Waldemar Freitas Ribeiro

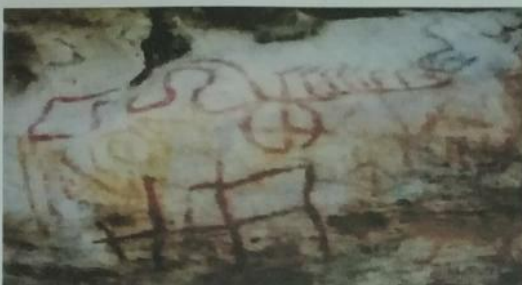
Professor: RAFAEL CASTRO

Turno: Tarde

Turma: 6º ANO 1

Estudante: [Redacted]

Data: 07/05/2018



1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?

Há muitos séculos atrás, no tempo da pedra e das cavernas com dinossauros no tempo pré-histórico.

2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?

que são pinturas rupestres e são feitas pelos homens das cavernas e que identificam o que acontecia.

3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?

pessoas barbudas, cabeludas e com roupas feitas de pele de animais que não tinham inteligência pra fazer tudo que nos temos hoje.

4- Para você, qual o significado dessas pinturas?

momentos gloriosos com caças, fogo e roupas quentes e macias.

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA: _____

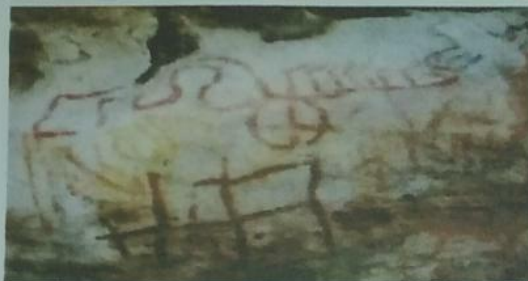
Professor: RAFAEL CASTRO

Turno: Tarde

Turma: 6º ANO 1

Estudante: [Redacted]

Data: 17/10/2018



1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?

Nos momentos que eles se parlavam um dos outros momentos antigos

2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?

pintura rupestre, são pinturas que os seres humanos fizeram nos cavernas

3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?

Eu imagino que eles eram perdidos um dos outros que eles fazem pinturas com os dedos

4- Para você, qual o significado dessas pinturas?

O significado dessas pinturas são pro eles se imortalizarem por onde eles andam e nome dessas pinturas são "pinturas rupestres"

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ

SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA: E. E. E. F. Waldemar De Freitas Ribeiro

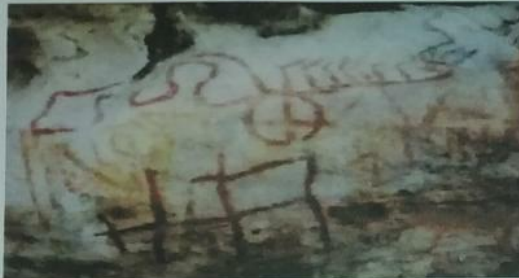
Professor: RAFAEL CASTRO

Turno: tarde

Turma: 6º ANO 1

Estudante: [REDACTED]

Data: 07/05/2018



1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?

Na pré-histórico.

2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?

Não sei... Marcas...

3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?

Eles andavam nesse local de pintura, e deixaram essas pinturas nas cavernas para marcar o local de onde eles andam para se lembrar-se.

4- Para você, qual o significado dessas pinturas?

marcas por onde eles andavam.

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA:

Professor: RAFAEL CASTRO

Turno: Tarde

Turma: 6º ANO 1

Estudante: [Redacted]

Data: 17/12 2018



1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?

Na pré-história dos humanos.

2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?

Que elas são muito antigas, feitas pelos seres humanos e que conta os acontecimentos do passado dos seres humanos chamados de arte rupestre.

3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?

Não tinham roupa, tentavam sobreviver contra os animais carnívoros, tinham culturas diferentes, não tinham metalurgia e vieram da América pelo estreito de Beringe.

4- Para você, qual o significado dessas pinturas?

Falar os acontecimentos do passado da vida dos seres humanos homo-erectus.

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA: E.E.F. Waldemar de Freitas Rileiros

Professor: RAFAEL CASTRO

Turno: Tarde

Turma: 6º ANO 1

Estudante: [Redacted]

Data: 07 /05/2018



1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?

idade pré-histórica

2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?

São pinturas rupestres feitas na idade pré-histórica e podem ser chamadas de grafismos, são feitas em pedras e rochas ou até lixite ou em rochas das cavernas.

3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?

Eram letrados e tentavam sobreviver e caçar para comer.

4- Para você, qual o significado dessas pinturas?

Fala os acontecimentos que ~~idê~~ que marcam ~~os~~ histórias ~~passada~~ do passado.

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA: E. E. F. prof. Waldemar J. Ribeiro

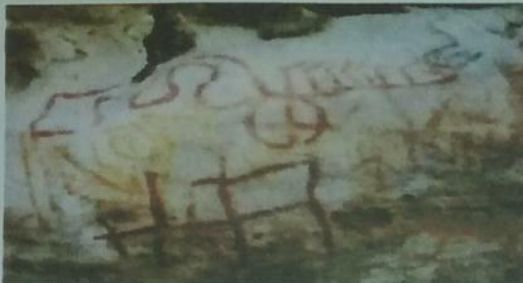
Professor: RAFAEL CASTRO

Turno: Tarde

Turma: 6º ANO 1

Estudante:

Data: 17.02.2018



1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?

Eu acho que a pintura foi feita a anos e
peças atrás.

2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?

É uma pintura rupestre e uma arte
feita com sangue de animal e
matou o animal e depois pintou nos
paredes dos cavernas.

3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?

Eu acho que eles eram escuros e imo-
gine eles magros e com fome e oprimido
que eu imagino eles.

4- Para você, qual o significado dessas pinturas?

pro mim a pintura significa eu acho
que a forma que eles viveram a anos
atrás.

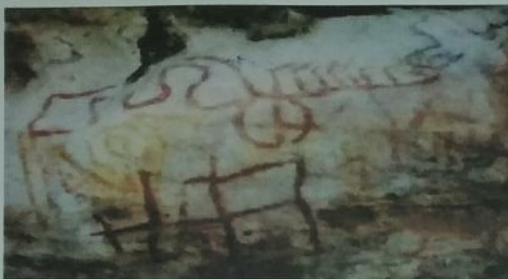
GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA ~~EE~~ Aldemar Ribeiro.

Professor: RAFAEL CASTRO Turno: Tarde Turma: 6º ANO 1

Estudante: ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

Data: 07/05/2018



1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?

no momento que os índios foram em falta.

2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?

Eu conheço como vestígios que os indígenas deixaram após partir.

3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?

Eu imagino os indígenas pintado com sangue de animal.

4- Para você, qual o significado dessas pinturas?

Para mim o significado dessas pinturas e os arqueólogos.

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA: Waldemar Le Ribeiro

Professor: RAFAEL CASTRO

Turno: tarde

Turma: 6º ANO 7

Estudante:

Data: 19/11 2018



1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?

eu acho que o humano que fez isso passou por isso, e aí ele pintou na parede, devia estar sozinho naquele momento

2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?

Não muita coisa, eu sei que é uma pintura rupestre feita pelos homens na Idade da Pedra, e existe até hoje essas pinturas em cavernas, hecos etc...

3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?

eu acho que ele era um apaixonado, fazia rituais, não sei se já tinha fogo, mas ele devia achar aquilo sagrado, ele era muito religioso

4- Para você, qual o significado dessas pinturas?

alegria de comer um animal, lembrar ao ver aquilo coisas que fez no passado

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA: F.E.E.F. Waldemar de Freitas Ribeiro

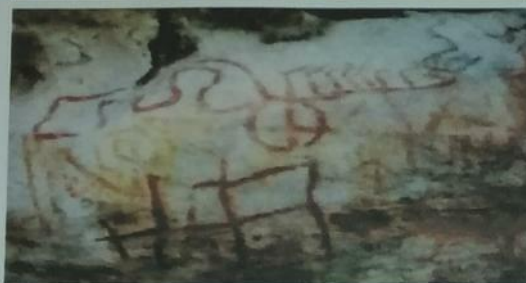
Professor: RAFAEL CASTRO

Turno: Tarde

Turma: 6º ANO

Estudante: [REDACTED]

Data: 07/05/2018



1- Em que momento você acha que foi feito este tipo de pintura?

Em um momento de tédio pintar e muito bom pintar o que você quiser
o que você quer ser ou imagina ser

2- O que você conhece sobre este tipo de pintura?

Eu sei que são pinturas feitas por homens da pré-história, e sei que
foam feitas há Bilhões de anos em rochas.

3- Como você imagina que eram os seres humanos que fizeram essas pinturas?

iguais a macacos que foram se desenvolvendo até chegar a forma de
hoje

4- Para você, qual o significado dessas pinturas?

Não dar pra ser direito, mas é a imaginação do ser humano